

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

A CRIAR FUTUROS DESDE 1979

António Branco
Reitor da Universidade do Algarve

**TÍTULO**

UALGzine, Revista da Universidade do Algarve

PROPRIEDADE

Universidade do Algarve

DIREÇÃO

António Branco

EDIÇÃO

André Botelho

Laura Alves

REDAÇÃO

Gabinete de Comunicação:

Laura Alves

Marta Cascalheira

DESIGN/PAGINAÇÃO

Ludovico Silva

IMPRESSÃO

Gráfica Comercial

ISSN

1646-639X

DEPÓSITO LEGAL

251786/06

TIRAGEM

30.000 exemplares

De repente, a crise abateu-se sobre nós, degradando as condições económicas e sociais de uma classe média em quem o 25 de abril e a instauração da democracia tinham criado a expectativa legítima de uma vida cada vez melhor. De repente, o desemprego aumentou desenfreado, atirando para o desespero muitas famílias que viram um ou mais dos seus membros perderem os meios de subsistência e a dignidade. De repente, voltou a emigração em massa, levando milhares de cidadãos a procurarem «na estrangeira» aquilo que o país lhes negava. E, porque muito desse desemprego e muita dessa emigração atingiu os jovens e, entre eles, os jovens licenciados, muitos começaram a perguntar-se se valia a pena estudar. E voltou a disparar o abandono escolar no Ensino Secundário e no Ensino Superior – e diminuiu drasticamente o número de candidatos ao Ensino Superior.

Na visita aos concelhos do Algarve que fiz ao longo de 2014, fui a muitas escolas secundárias. Em muitas delas pude conversar com jovens e num número demasiado elevado deles vi sinais de desorientação e de desânimo relativamente ao seu devir académico e à possibilidade de, através dele, singrarem socialmente, como se a crise lhes tivesse tirado o futuro, como se a sociedade lhes tivesse tirado o direito de responder sonhadoramente à pergunta: «O que queres ser quando fores grande?» E não há nada mais triste do que estarmos perante um jovem que lhe roubaram o futuro.

Por isso, decidi aproveitar este espaço para reafirmar que o remédio mais eficaz contra a desesperança, que a melhor arma contra a crise, é o investimento na Educação. E que as famílias e os jovens desta região (e de todas as outras regiões do país) continuam a ter na Universidade do Algarve uma aliada determinada e leal no combate à ilusão de que o futuro acabou. Não, dizemos nós, o futuro é construído todos os dias, com base nas escolhas que fazemos. E estudar no Ensino Superior continua a ser uma escolha segura, porque a taxa de desemprego dos licenciados (10%) é bastante menos elevada do que a dos não-licenciados (15,1%).

E também me dirijo a todos aqueles que, não tendo frequentado o Ensino Superior na juventude, continuam a ter a oportunidade de o fazer, através do programa Maiores de 23: a Universidade do Algarve é o lugar certo para se valorizarem, enquanto cidadãos e enquanto profissionais.

Somos uma das universidades portuguesas com a maior percentagem de estudantes estrangeiros, sendo por isso também uma das universidades mais multiculturais. E a nossa ligação ao mundo, através de largas dezenas de protocolos com instituições de ensino superior estrangeiras, garantem aos nossos estudantes a possibilidade de concluírem pelo menos um semestre dos seus estudos numa dessas universidades, alargando assim os seus horizontes culturais e linguísticos.

Por tudo o que ficou dito, este número especial da revista UALGzine foi pensado como uma mostra dos cursos que temos para vos oferecer. Nele encontrarão muitos testemunhos de ex-alunos que, melhor do que nós, vos dirão por que motivo é tão bom estudar na Universidade do Algarve.

Dada a nossa dimensão, estamos todos mais próximos uns dos outros: professores, estudantes e os vários serviços e gabinetes. Tornou-se, assim, natural eleger a proximidade e a hospitalidade como objetivos estratégicos de toda a instituição. Porque também queremos que se sintam em casa, enquanto cá estiverem a estudar. E que, depois disso, continuem a sentir-se em casa sempre que cá voltarem.

com o apoio de:

ÍNDICE

ARTES, COMUNICAÇÃO E PATRIMÓNIO

Design de Comunicação	02
Imagem Animada	03
Ciências da Comunicação	04
Artes Visuais	06
Línguas, Literaturas e Culturas	07
Património Cultural e Arqueologia	08
Línguas e Comunicação	10

CIÊNCIAS SOCIAIS E DA EDUCAÇÃO

Ciências da Educação e da Formação	11
Educação Básica	12
Psicologia	13
Sociologia	14
Educação Social	14
Desporto	15

CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS DA SAÚDE

Medicina	16
Ciências Biomédicas	17
Ciências Farmacêuticas	17
Imagem Médica e Radioterapia	18
Enfermagem	19
Dietética e Nutrição	20
Ortoprotesia	21
Farmácia	22
Ciências Biomédicas Laboratoriais	23

CIÊNCIAS DA TERRA, DO MAR E DO AMBIENTE

Biologia	24
Biologia Marinha	25
Agronomia	26
Arquitetura Paisagista	28
Biotecnologia	30
Bioquímica	30

ECONOMIA, GESTÃO E TURISMO

Economia	32
Gestão de Empresas	33
Gestão	33
Gestão Hoteleira	34
Turismo	34
Marketing	35

ENGENHARIAS E TECNOLOGIAS

Engenharia Elétrica e Eletrónica	36
Tecnologia e Segurança Alimentar	37
Engenharia Informática	38
Engenharia Civil	39
Engenharia Mecânica	39



Neste número da revista UALGzine vai ficar a conhecer percursos e “histórias” de 35 alunos que ao longo dos últimos 35 anos passaram pela Universidade do Algarve.

De que forma a UAlg marcou as suas vidas? Como recordam esses tempos? O que aprenderam na Universidade está a ser-lhes útil no contexto de trabalho? Continuam a acompanhar o percurso da Instituição? As respostas vão ser dadas na primeira pessoa, ilustrando, assim, a oferta formativa da UAlg (licenciaturas e mestrados integrados), e os percursos prometem ser surpreendentes.

Fique a conhecer verdadeiros casos de sucesso que um dia tiveram a Universidade do Algarve como sua casa.

Design de Comunicação

DO ALGARVE ATÉ À GOOGLE

Grças à sua privilegiada localização na costa do pacífico, Santa Cruz é mundialmente famosa pelos desportos náuticos e aquáticos, mas principalmente pelo surf. Tanto que este lugar tem a reputação de ser o primeiro lugar de surf da Califórnia. A história remonta a 1885. Naquela época, três príncipes havaianos que frequentavam uma escola em San Mateo, viajaram até Santa Cruz e surfaram nas ondas da foz do rio San Lorenzo, usando pranchas feitas de madeira de sequoias locais. É uma espécie de Algarve, nos Estados Unidos da América. Talvez por isso,

RICARDO HENRIQUES, natural de Faro, tenha escolhido este cantinho da Califórnia para viver, onde “o clima é idêntico ao do Algarve e o faz sentir em casa”.

Ricardo é pai de dois filhos, um menino e uma menina, e é casado com uma mulher que o tem acompanhado nas suas viagens e paixões. Cresceu no Algarve e atualmente trabalha como designer de *interfaces* gráficos na sede da Google, no Silicon Valley, onde lidera uma pequena, mas “super talentosa equipa de designers”. Tecnologia é uma das suas paixões, bem como música e surf. Agora percebe-se porque escolheu viver em Santa Cruz, na Califórnia, onde está há cerca de três anos.

Tirou o curso de Design de Comunicação na UAlg. Terminou o bacharelato em 2000 e, recorda, “já na altura, este curso era reputado na aplicação de novas tecnologias à prática do Design, tinha um currículo equilibrado e versátil, e um corpo docente conceituado”.

“Na altura eu tinha acabado de tirar um curso técnico-profissional de Arte/Design/Fotografia na Escola Tomás Cabreira, em Faro.” Foi uma evolução natural manter-se perto da família e dos amigos. Hoje recorda esses tempos com grande carinho e saudade, elegendo-os como uns dos melhores anos da sua vida. “O meu grupo de amigos, colegas, atividades curriculares, o *Campus*, a cidade de Faro, a sua energia e o clima temperado, propiciaram as condições ideais para uma vida de trabalho, estudo e lazer em perfeito equilíbrio.”

O curso de Design de Comunicação forneceu-lhe as ferramentas críticas para a sua vida como designer. “Deu-me as fundações teóricas, práticas e críticas na abordagem e na solução de problemas na área de design de *interfaces*

gráficos e interação computacional”. Este curso foi também fundamental no estudo de Estética, Teoria de Comunicação e História de Arte, disciplinas que todos os dias o ajudam a tomar decisões informadas.

Ricardo tem tido um percurso viajado. Logo após terminar o curso na UAlg, foi viver para a Holanda onde trabalhou como designer de animação gráfica, numa pequena empresa nos arredores de Roterdão. “Foi uma experiência fantástica, mas o clima não é o algarvio”. Em 2004, juntou-se a uma equipa fantástica na praia do Burgau, em Lagos. Aqui trabalhou numa pequena empresa de webdesign onde o talento da equipa e o calibre dos clientes foram fundamentais na expansão do seu conhecimento nas tecnologias de internet e design de produtos. Foram tempos fantásticos, que recorda com grande carinho! Em 2010 mudou-se para Cambridge, em Inglaterra, para se juntar a

que o número de cursos aumentou e destaca a criação do curso de Medicina. Tem amigos que aqui conduzem projetos de investigação e diz que é sempre reconfortante saber que a sua Universidade continua a investir na investigação e no conhecimento.

Defende que é muito importante repensar “o que é um curso superior e como é que está estruturado” para que, de facto, possa ser aplicável ao mercado de trabalho e à investigação.

Considera que a expressão “o mundo é a nossa casa” se aplica, cada vez mais, à sociedade de hoje e defende que a parte mais importante da internacionalização do conhecimento e da excelência profissional é a comunicação. “Os produtos e serviços portugueses necessitam de comunicar o seu valor de forma mais eficiente, para se poderem tornar mais competitivos nos mercados internacionais.”



uma equipa de designers e engenheiros num estúdio de webdesign. Mais tarde foi para Londres, para trabalhar numa *Startup* que desenvolvia aplicações nativas para smartphones.

Foi nessa altura que surgiu a oportunidade de ir trabalhar para a Google, na Califórnia. Gosta particularmente dos desafios, dos colegas e dos produtos que constroem em equipa. A atmosfera é fantástica e as condições de trabalho incríveis. “Vale a pena sublinhar que, mais uma vez, este ano a Google foi reconhecida como a melhor empresa nos EUA, em termos de condições de trabalho.” Tem vivido tempos fantásticos, cheios de desafios e emoções, e está ciente de que o curso de Design foi uma mais-valia!

Tem acompanhado o percurso da UAlg. Sabe

Vê enormes vantagens na internacionalização da UAlg, apostando na convivência de alunos de diferentes nacionalidades e culturas. “Essa convivência desafia o *status quo*, os métodos de comunicação e, de forma natural, aumenta os horizontes dos alunos e do próprio corpo docente.” Ricardo reconhece que esta permanência de diferentes culturas na UAlg também é vantajosa para a cidade de Faro.

“Cresci no Algarve, com o surf, e rodeado pelo Oceano, os meus pequenos e a minha esposa são o meu porto seguro. Aqui, na Califórnia, tenho a sorte de viver na praia e o mar também permite a prática do surf.” Contudo, Portugal continua a ser sempre o país de eleição. “Portugal é a minha casa, um país lindíssimo, resiliente e repleto de talento.”

Imagem Animada

O PIONEIRO



É o único, em Portugal, que forma animadores. Todos os outros, poucos, e com a mesma duração, oferecem um conjunto abrangente de conhecimentos – em cinema, em design, em audiovisuais, em artes – do qual a animação faz parte enquanto conteúdo, mas não enquanto área única e específica de formação. Falamos do curso de licenciatura em Imagem Animada oferecido pela Universidade do Algarve, desde 2011, apelidado por muitos como o Pioneiro.

A Universidade do Algarve, atenta à evolução das estratégias internacionais de comunicação visual e audiovisual, acolheu no seu seio este curso que, tendo em conta as expectativas de toda uma geração de jovens que, de modo natural e autónomo, já se exprimem recorrendo a estas linguagens e tecnologias e que, na ausência de formação local e nacional adequada, teriam de ir para o estrangeiro ou optar por outra formação.

O movimento *Caminhos para a Animação Portuguesa*, constituído por profissionais da área, concluiu, em março de 2010, após consulta ao setor de produção, que praticamente todos os profissionais eram autodidatas e que o número de técnicos disponíveis nas várias áreas de produção era insuficiente para garantir autonomia nacional.

O projeto de criação deste curso decorreu, então, da constatação da necessidade de profissionais competentes – animadores – na área profissional de produção de documentos visuais e audiovisuais para cinema, televisão, jogos, telemóveis e divertimento, suportada por linguagens, tecnologias e sistemas de produção de animação, em expansão, sobretudo em Portugal.

Em plena era digital, a animação é o pilar da comunicação. É caso para dizer que, atualmente, tudo é animação!

Existe animação não apenas nos cinemas e na televisão mas, também, na versão digital dos jornais, nos videojogos, na internet, nos telemóveis, nos palcos de teatro e bailado, nos eventos de *videomapping*, e, ainda, em plataformas de comunicação digital, como álbuns ilustrados interativos, comunicação por realidade aumentada, etc.

Para Marina Estela Graça, diretora do curso, esta licenciatura “possibilita a aquisição de competências técnicas na área gráfica e da composição de movimento, mas, igualmente, na construção de autonomia cognitiva e comunicacional”. Este curso pretende formar animadores, ou seja, “profissionais criativos, capazes de exercer um conjunto de atividades no âmbito geral da produção de documentos visuais e audiovisuais para cinema, televisão, jogos e telemóveis, suportada por linguagens, metodologias e sistemas de produção de ilusão de movimento aparente, isto é, sequências de imagens”. Pretende ainda dotar os alunos com competências artísticas associadas a uma

forte formação tecnológica e contribuir para o desenvolvimento da produção cinematográfica e audiovisual portuguesa e consequente afirmação da identidade e cultura nacionais.

Tendo como objetivo a preparação de um animador, o curso apresenta um plano de estudos de um só ciclo, com a duração de seis semestres, proporcionando uma formação académica eficaz, que resulta da interação entre áreas científicas, técnicas e artísticas e entre unidades curriculares e atividades diferenciadas e complementares.

A Imagem Animada é um meio comunicacional extraordinariamente eficaz, incorpora a abstração das viagens imaginárias e o fascínio das contínuas possibilidades. Precisam-se profissionais criativos, capazes de compor ilusões de movimento, com diferentes tecnologias. Na nossa era, todas as áreas necessitam da “magia” dos animadores.



EDUCAR PARA A LITERACIA DOS MEDIA

O curso de licenciatura em Ciências da Comunicação, que faz parte da oferta formativa da Universidade do Algarve desde 1995, foi o primeiro em Portugal, e um dos primeiros na Europa, a integrar no seu plano de estudos uma unidade curricular totalmente dedicada à Literacia dos Media e uma outra, optativa, na área da Literacia Filmica.

Este facto tem projetado o curso internacionalmente, tendo Vítor Reia-Batista, como primeiro diretor do curso, integrado o primeiro grupo de especialistas europeus em Literacia dos Media e, posteriormente, o atual grupo internacional de especialistas em Literacia Filmica, o Film Literacy Advisory Group (FLAG), onde a UAlg tem liderado, em conjunto com o British Film Institute, os últimos grandes projetos europeus sobre esta temática.

Questionado sobre o que é, então, a Literacia dos Media, Vítor Reia-Batista garante que é uma coisa muito simples. O especialista explica que, muitas vezes, o conceito de literacia é confundido com o de educação e pedagogia, mas acrescenta: “educação é aquilo que conseguimos programar. É aquilo que conseguimos fazer nas escolas, nas universidades, e até, de algum modo, fora delas. Por exemplo, os cineclubes explicam os filmes, contextualizam-nos, vão às escolas... Tudo isso são ações educativas, cujo objetivo é produzirem um resultado: sermos mais cultos. Esse resultado é a literacia.”

Relativamente à importância desta unidade curricular, o professor acredita que a sua introdução na licenciatura em Ciências da Comunicação é “um reflexo da vontade crítica e da vontade analítica do curso”, que constitui um dos fatores mais importantes do seu sucesso, garantindo que esta é “uma componente que seria impensável retirar do curso”.

O docente defende ainda que os estudantes de comunicação devem aproveitar a sua passagem pelo ensino superior para refletir, pois é aqui que têm tempo e espaço para interiorizar tudo aquilo com que são confrontados diariamente.



Conceição Ribeiro

Jornalista/coordenadora da delegação da SIC, no Algarve

Chegou ao curso de Ciências da Comunicação da UAlg no seu segundo ano de existência. "Havia uma tremenda motivação de alunos e docentes. A interação estendia-se para lá das aulas. O empenho em contribuir com sugestões para dinamizar, enriquecer e prestigiar o curso era geral." Conceição Ribeiro recorda que também foi interessante a dinâmica gerada nas aulas, com professores a valorizarem a experiência de vários alunos que já trabalhavam na área do jornalismo, da fotografia ou dos gabinetes de comunicação. "A teoria e a prática andavam sempre muito interligadas e mesmo os conteúdos mais densos de algumas disciplinas tornavam-se apelativos e de mais fácil assimilação."

Conceição Ribeiro fez o percurso inverso da maior parte dos colegas, já era jornalista quando ingressou no curso. Foi precisamente a lacuna na vertente teórica que a levou a optar pelas ciências da comunicação. "O contacto com as reflexões de Marshall McLuhan ou Gilles Lipovetsky, os ensaios de fotografia da Susan Sontag e outros marcos da História dos Media foram exemplos de janelas que se abriram e me permitiram ter uma leitura e abordagem diferente no trabalho."

A atual coordenadora da delegação da SIC, no Algarve, considera que uma das grandes vantagens da UAlg é ser muito inclusiva. "Os alunos sentem-se em casa (que o digam os muitos estudantes internacionais que por cá passam)." Apesar do desinvestimento no ensino superior, constata que na UAlg há um esforço em não deixar estagnar os cursos. "Com maior ou menor dificuldade, com mais ou menos docentes, nota-se que há uma renovação de conteúdos e isso é fundamental para que a Universidade do Algarve continue a ser uma das primeiras opções para milhares de alunos." Para esta jornalista, "a abertura à sociedade, o esforço por compatibilizar a vertente pedagógica com as necessidades do mercado é também de realçar e um motivo de orgulho".



Mário Antunes

Jornalista/repórter da Antena 1, delegação da RTP no Algarve

Desempenha o seu trabalho a partir da delegação de Faro, o que já acontece há mais ou menos 20 anos.

Foi um dos alunos pioneiros do curso de Ciências da Comunicação da UAlg. "Ingressei, salvo erro, no ano letivo imediatamente a seguir ao da criação do então bacharelato." De lá para cá, recorda, "houve uma constante evolução e adaptação do próprio curso às alterações a que a realidade técnica, científica e do próprio mercado dos Media foi sendo sujeita".

Numa avaliação muito sintética, Mário Antunes acha que o curso já na altura correspondia às suas expectativas de aumentar os conhecimentos teóricos na área do jornalismo, profissão que já desempenhava.

Para o jornalista, o curso de Ciências da Comunicação foi sem dúvida uma mais-valia. "Não que tenha necessitado do curso para qualquer tipo de progressão na carreira de jornalista, mas porque me permitiu ter outra perspetiva do jornalismo, fora das rotinas próprias de uma redação, através dos conhecimentos teórico-científicos adquiridos."

Mário Antunes não tem dúvidas, sente-se muito honrado por continuar ligado a esta Academia. "É uma relação com passado e presente e que, em qualquer circunstância, manter-se-á no futuro."



Marisa Rodrigues

Coordenadora da Delegação da TVI no Algarve Correspondente do Jornal de Notícias

É jornalista há 13 anos e considera que o curso Ciências da Comunicação da UAlg foi, sem dúvida, uma mais-valia para o seu percurso profissional. "Em particular devido ao facto de o corpo docente ser constituído por alguns jornalistas no ativo em diversos meios de comunicação social. Estes, agora colegas, deram-nos a conhecer a profissão, fizeram-nos «sair para a rua» e levaram a rua até nós."

Considera que o curso foi bastante equilibrado em termos de cadeiras teóricas e práticas. Hoje, sente orgulho da Universidade do Algarve, o mesmo que sentia nos vários congressos e seminários em que participou, enquanto aluna ou como convidada, em representação do "nosso curso e da nossa Universidade".

VIVER PARA A ARTE

ÉLSIO MENAU dispensa apresentações. A sua célebre obra *Portugal na Força* atirou-o para as luzes da ribalta, mas também lhe valeu uma acusação crime por ultraje aos símbolos nacionais, desrespeitando o artigo 332.º do Código Penal. O Tribunal de Faro absolveu-o. A verdade é que muito se escreveu sobre esta forma de expressão artística, algumas vozes contra, muitas a favor, mas acabou por contribuir para um debate generalizado sobre o estado do País e sobre o que é afinal a liberdade de expressão.

Autodidata, criativo, crítico e persistente, o artista considera que ainda vivemos num País livre e, por isso, a arte tem direito de se exprimir. “A minha obra *Portugal na Força* foi vista por alguns como uma ofensa ao País, como um ato de revolta pura e não como uma obra artística”. Todavia, “aqui é que reside a questão fundamental”, explica, “foi feita com uma intensão artística, forte, dura e direta, no âmbito do projeto final da licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Algarve, numa disciplina onde teríamos que realizar ou projetar um trabalho de arte pública”.

Menau revelou a sua veia artística desde muito pequeno. Mas é a partir de 1998, através do graffiti, que começa a ter uma noção real da Arte, para a qual muito contribuiu o curso de Artes que tirou na Escola Secundária Dr.ª Laura Ayres, em Quarteira. Em 2001, fundou a Associação Policromia Crew, juntamente com o também artista plástico Nuno Viegas. Participou em vários eventos de arte urbana, nacional e internacionalmente, tendo em 2008 integrado o coletivo internacional. É em 2009 que chega à UAlg, ao curso de Artes Visuais, terminando-o em 2012, no mesmo ano em que funda a Policromia Associação Cultural e ingressa no coletivo artístico Tira Nósdoas.

Porque é que um artista experiente resolveu tirar o curso de Artes Visuais? Menau diz que sentiu necessidade de adquirir novos conhecimentos, de evoluir pessoalmente em termos artísticos e de interagir com novos e conceituados artistas, “como os professores que lecionam na licenciatura em Artes Visuais”.

Na Academia algarvia “vivi tempos fantásticos e felizes, recheados de companheirismo e de muita arte à mistura, que só a UAlg me podia dar. Adorei, era como a minha segunda casa”.

Voltemos à liberdade de expressão. Partindo da frase “a minha liberdade acaba, onde começa a liberdade do outro”, pedimos-lhe que definisse então “o que é para si a liberdade de expressão?” Menau foi parco em palavras. E para uma pergunta contraditória e de múltiplas respostas possíveis, colocou-se no papel de entrevistador, respondendo com outra questão: “o que define o espaço do outro?”. Mas depressa volta ao papel de entrevistado e contrapõe: “no caso das minhas obras é o espaço público”. Numa espécie de “paga uma, leva duas”, voltou a questionar: “e o que define o espaço público? Será o espaço público de todos?” Ficaram a faltar as respostas, ou não fosse ele artista e “ser artista é ter o poder de transmitir sensações ultra sensoriais”.

Em relação ao seu mais recente projeto, o coletivo de artistas Policromia já havia sido fundado em 2001. Para Menau, o principal objetivo desta Associação é dinamizar a cultura no Algarve, “reunir, expor e divulgar artistas, educar novos públicos, ensinar e partilhar a arte com todos”. Continua a manter uma grande ligação com a Universidade do Algarve, trabalhando em parceria.

“A maioria dos membros da Policromia são artistas que estudam na Universidade, licenciados, doutores e professores; a UAlg será sempre uma ligação para o resto da vida.”

Menau é um artista. Gosta simplesmente de viver e vive para a arte! Tem muitos projetos em mente. Através da Policromia quer criar uma galeria a céu aberto em toda a cidade de Faro, com artistas urbanos consagrados. Já dizia Denis Diderot, filósofo e escritor francês, que “a maior infelicidade para um artista é ter um adversário sem talento”. Esperemos estar à sua altura!



ASSOCIAÇÃO POLICROMIA

Mercado Municipal de Faro

Galeria de Arte “Farpa Lab”

Exposições mensais de arte contemporânea.

Atelier Policromia

Trabalhos artísticos e experimentais.
Atividades culturais semanais, jams session
musicais, workshops de graffiti/streetart,
encadernação, papel reciclado,
ilustração, entre outros.

*Brevemente terão aulas de desenho,
escultura, pintura e desenho nu.*

policromia.pt

ARQUIVO DA TRADIÇÃO ORAL PORTUGUESA

***Os rapazes comparo eu,
Dou uma comparação,
É como os burros cansados
Lá da feira do Garvão.***

Trata-se de uma quadra solta, recolhida por Ana Filipa Coelho Cabrita, na época aluna da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, em Aldeia Ruiva, freguesia de S. Bartolomeu de Messines, concelho de Silves, onde a informante, Maria Guerreiro Luís Coelho, de 68 anos, residia, em 26 de dezembro de 2003. São muitos os tipos de texto que constituem o nosso património oral: contos, provérbios, orações, rimas infantis, adivinhas, lendas, etc.. Esta quadra e muitos outros géneros fazem parte de um arquivo da Universidade do Algarve, que reúne uma enorme quantidade de recolhas realizadas em vários locais de Portugal, e que percorrem os vários géneros da literatura oral.

Os alunos do antigo curso de Línguas e Literaturas Modernas (LLM) e do atual curso de Línguas, Literaturas e Culturas (LLC) recolheram, desde 1995, um grande acervo (gravações e respetivas transcrições) de textos de literatura oral. Este arquivo está depositado no Centro de Estudos Ataíde Oliveira, centro de investigação integrado na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS), e consiste em recolhas (gravações em cassetes e CDs, com as respetivas transcrições em documentos escritos em Word) de textos da tradição oral portuguesa feitas por numerosos alunos, no âmbito da disciplina de Literatura Oral e de outras da mesma área do património imaterial. Parte importante do trabalho dos alunos dessas disciplinas consistia em gravar (inicialmente, em cassete e, mais tarde, à medida que foram surgindo novas tecnologias, de modo digital) textos que recolhiam na tradição oral. Além de servir para que os alunos conhecessem melhor o que é a tradição oral, ouvindo-a (em lugar de apenas a conhecerem através da sua transcrição em livro), este trabalho tinha o objetivo de registar o maior número possível de versões do património imaterial português, de modo a que se não perdessem.

Assim, graças ao labor de centenas de alunos, de 1995 a 2015, foi possível gravar cerca de 45 mil versões de textos pertencentes a todos os géneros da tradição oral portuguesa, desde o cancionero lírico e as lendas (géneros majoritários nestas recolhas) até ao cancionero narrativo e ao romanceiro (os géneros menos representados), passando pelas orações, as rimas infantis, os contos, os provérbios e as adivinhas.

As recolhas foram feitas sobretudo no Algarve e no sul do Alentejo, embora no Arquivo existam também versões de outras zonas de Portugal e mesmo de outros países, por exemplo do Brasil, recolhidas por alunos brasileiros que atualmente frequentam o curso de Línguas, Literaturas e Culturas.

O enorme acervo inédito do Arquivo permite conhecer melhor a literatura oral, não só fornecendo numerosas versões diferentes de textos já conhecidos, mas também documentando, pela primeira vez, muitos textos que se não conheciam. Essas versões inéditas têm contribuído para a investigação (de que saíram vários artigos) de professores e de outros estudiosos que têm consultado o Arquivo e, além disso, serviram para a realização de teses de mestrado.

Em particular, as versões de contos deste acervo foram muito importantes para a formação do Arquivo de Contos da Tradição Oral Portuguesa (existente no Centro de Estudos Ataíde Oliveira), a partir do qual foi publicado, em 2006, o *Catalogue of Portuguese Folktales*, obra de que irá sair, ainda este ano, uma versão portuguesa, muito aumentada. Por seu lado, as versões de lendas estão em boa parte disponíveis on-line no Arquivo Português de Lendas (lendarium.org), realizado por investigadores do dito centro.

Espera-se que este acervo continue a aumentar, com a contribuição dos futuros alunos, e que, no futuro, seja possível colocar on-line a totalidade das versões do Arquivo da Tradição Oral Portuguesa, pondo-as assim à disposição de todos os interessados, sejam eles simples curiosos ou investigadores das várias áreas do património imaterial.



EM BUSCA DO SONHO AFRICANO



Enamorou-se pela arqueologia durante o curso de Património Cultural (curso substituído pela atual licenciatura em Património Cultural e Arqueologia), mas foi no ensino secundário que descobriu a sua paixão pela História. Farese de corpo e alma, resolveu estudar na Universidade do Algarve por ser a universidade da sua região.

Aos 30 anos, **JOÃO CASCALHEIRA** é um caso de sucesso. Todo o seu percurso académico superior foi realizado na UAlg, onde afirma ter aprendido, com os colegas e professores, a “encarar a vida pessoal e profissional”.

Acredita que todos os projetos são únicos e especiais, mas confessa que, desde o ano passado, está a cumprir o sonho de muitos arqueólogos e pré-historiadores: descobrir a origem da evolução da nossa espécie, em Moçambique.

Com os olhos a brilhar, o arqueólogo falou-nos da sua experiência no território moçambicano, referindo que foi “uma experiência enriquecedora.”

Tendo como pano de fundo o lago Niassa, João Cascalheira viveu, durante o mês de julho de 2014, uma grande aventura na savana africana, onde, juntamente com a sua equipa, palmilhou vários quilómetros em busca de novos sítios arqueológicos. Ao todo, encontraram mais de uma centena, alguns a céu aberto, outros em contexto de abrigo sob rocha e, ainda, algumas grutas.

A população da vila de Maniamba acolheu, prontamente, o grupo de arqueólogos e fê-los sentir parte da comunidade. Entre rituais de

apaziguamento de espíritos e jantares com a Rainha, João Cascalheira teve a oportunidade de conhecer o poder tradicional daquela região. Ninguém adoeceu, ninguém se perdeu, ninguém encontrou animais selvagens, ninguém correu perigo. Os rituais funcionaram. Toda a devoção e seriedade com que os habitantes de Maniamba encaram a sua tradição fascinaram o arqueólogo, que recordou, com um semblante saudosista, que, antes do regresso, toda a equipa ofereceu dinheiro, diversos mantimentos e roupa, fazendo com que a comunidade se sentisse acarinhada.

João garante que a chegada a terras lusas foi invulgar. Depois de viver um mês num sítio ermo, onde a simplicidade e pureza são a única forma de vida que os seus nativos conhecem, tudo lhe parecia, e ainda hoje parece, diferente.

Desde que regressou, e sempre perfeccionista, empenhado, trabalhador e responsável, como ele próprio se caracteriza, tem analisado materiais em laboratório, feito relatórios e escrito vários artigos.

Hoje, quase um ano volvido desde a sua expedição em Moçambique, para além de continuar a laborar nos seus projetos mais antigos, como é o caso das escavações do abrigo de Vale Boi (Vila do Bispo) e dos concheiros de Muge (Ribatejo), João Cascalheira submeteu um projeto à Fundação para a Ciência e Tecnologia, pretendendo obter financiamento para realizar arqueologia experimental com projéteis de pontas de lança em pedra, numa parceria com o gabinete de balística da polícia judiciária.

Entre o laboratório e os ensaios da sua banda de Heavy Metal, o arqueólogo anseia pela chegada da primavera, que trará com ela mais uma aventura no seu sonho africano.



A ENSINAR PORTUGUÊS AOS “NUESTROS HERMANOS”

Natural de Monte Gordo, foi o curso de Línguas e Comunicação que o fez vir estudar para Faro. “Sempre tive um enorme fascínio por esta área pelo facto de aglomerar duas vertentes que são extremamente úteis para o quotidiano – as línguas e a comunicação – e, especialmente, para a competitividade que existe no mundo do trabalho”, refere **JOÃO ROMÃO**, licenciado em Línguas e Comunicação pela UAlg.

Recorda a sua passagem pela UAlg como uma das melhores etapas da sua vida. “Tenho muitas recordações que levo desta experiência de vida, não só pelo círculo de pessoas que conheci e fizeram (e ainda fazem) parte de mim, mas também pela aventura que é viver afastado da família, ganhando, deste modo, uma liberdade que acarreta responsabilidade.”

Relativamente à licenciatura em Línguas e Comunicação, considera que é um curso que oferece conhecimentos sólidos para lidar com a competitividade e prosperar na vida profissional.

“Através do variado leque de cadeiras, desde a linguística à terminologia, passando pelas políticas de língua e pelas teorias da comunicação, construímos as bases para um futuro.” Quando terminou o curso, apercebeu-se que as suas

limitações tinham sido reduzidas. Sentiu-se mais realizado e confiante para enfrentar desafios porque o raio de aplicabilidade dos conhecimentos que aprendeu na universidade era mais alargado.

Toda a gente tem objetivos e aspirações de vida. João sempre sonhou ir para a universidade. Com um historial em Línguas e Humanidades na Escola Secundária de Vila Real de Santo António, durante o percurso académico teve a oportunidade de fazer parte de um projeto terminológico (Realiter) que visava a análise e contextualização terminológicas do léxico panlatino das redes sociais (de inglês e espanhol para português). “Foi trabalhoso, mas foi um privilégio poder contribuir para este projeto porque a terminologia sempre fez parte dos meus interesses.” Mais tarde, já no último ano do curso, soube que estavam abertas as candidaturas para auxiliar de conversação em Espanha. Desde logo, propôs-se a completar e preencher todos os requisitos necessários para o processo de seleção. “Felizmente, eu e um grande amigo de curso fomos bem-sucedidos. Hoje em dia, ambos trabalhamos em Espanha.” Neste país leciona Português para estrangeiros em duas escolas, durante doze horas semanais. Adora o que faz e descreve esta experiência como muito enriquecedora e altamente proveitosa, não só a nível profissional, como também a nível pessoal. “Digamos que existe um intercâmbio constante de ideias e culturas entre

ambas as partes – professores e alunos – em todos os contextos. Isto, a meu ver, é o aspeto fulcral daquilo que faço.”

João sabe que se não tivesse tirado Línguas e Comunicação não estaria a fazer o que hoje faz e considera que o curso foi uma ferramenta imprescindível e que lhe deu um acesso direto à vida profissional. “Graças a ele, hoje estou ativo e a fazer algo que me fascina, já para não falar do vasto conhecimento que dele pude extrair.”

Ficou intimamente ligado à universidade após ter terminado o curso. Sente que a “UAlg tem feito progressos e parcerias incríveis, mostrando o quão inevitável é a sua evolução”. Ainda assim, considera que, por exemplo, uma aposta na vertente da Tradução e Interpretação era imperativa, ou não fosse a tradução outra das suas paixões. É tradutor *freelancer*. Sempre que tem oportunidade de participar em algum projeto, não hesita em fazê-lo. Além disso, gosta de sair com os amigos e pôr a conversa em dia. Alguns já faziam parte do seu círculo da universidade, porque, como dizia Vinícius de Moraes “mesmo que as pessoas mudem e suas vidas se reorganizem, os amigos devem ser amigos para sempre”.

ARTICULAR O “SABER” E “SABER FAZER”

Foi há 10 anos que a licenciatura em Ciências da Educação e da Formação deu os primeiros passos na Universidade do Algarve. Sendo o seu principal objetivo “dotar licenciados com competências de intervenção no vasto e diversificado campo das atividades educativas”, o corpo docente considerou ser fundamental proporcionar aos estudantes, ao longo da sua formação inicial, um “conhecimento alargado sobre os contextos onde viriam a exercer a sua ação profissional”. Para isso, existem, durante os três anos de licenciatura, cinco unidades curriculares dedicadas ao Seminário de Projeto – Práticas Profissionais em Educação.

Nessas unidades curriculares os alunos, em grupo, selecionam uma instituição com a qual querem desenvolver o seu projeto nos três anos seguintes. No primeiro ano do curso, os estudantes procedem à caracterização e identificam as necessidades da instituição que os acolhe; no segundo, concebem o projeto; no terceiro, implementam-no, sendo, posteriormente, avaliado.

Abordando um nível de intervenção pouco tradicional, o Seminário de Projeto procura contribuir para a melhoria do serviço prestado pela instituição/entidade parceira, reforçando competências no âmbito da iniciativa empresarial e facilitando um acesso sustentado ao mercado de trabalho. Este projeto é, também, uma forma de articular os conteúdos lecionados nas aulas teóricas com a efetividade prática da ação educativa.

No final do terceiro ano de licenciatura, os alunos organizam “um momento de partilha e de avaliação”, o Fórum de Ciências da Educação e da Formação. Nessa atividade, são apresentados os projetos dos diferentes grupos, na presença dos docentes e de representantes das diversas instituições de acolhimento.

Relativamente às instituições, a direção de curso optou pela regionalização da intervenção, pois, devido à ação ser desenvolvida ao longo da frequência do curso, é importante o permanente contacto entre o espaço de formação e o contexto de intervenção.

A realização dos Seminários de Projeto revela a importância do contributo do conhecimento existente no espaço universitário para a resolução dos problemas presentes em cada uma das instituições parceiras. De certo modo, esta ação pretende promover a articulação entre “saber” e “saber fazer”, formando diplomados críticos e interventivos perante situações reais.

SERVIÇOS DE AÇÃO SOCIAL

DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE



 **11 RESIDÊNCIAS**

 **566 CAMAS**

 **7 REFEITÓRIOS**

 **7 BARES**

 **BOLSAS DE ESTUDO**

 **CONSULTAS:
CLÍNICA GERAL / PSICOLOGIA**

 **UALg SAS**
UNIVERSIDADE DO ALGARVE
SERVIÇOS DE AÇÃO SOCIAL

Tel. 289 882 556 / 289 882 571

www.ualg.pt / sas@ualg.pt

Campus da Penha, Edifício da Cantina 1º Andar
8005 – 139 FARO

SER PROFESSOR É SER CONSTRUTOR DO FUTURO



O que se faz sem obrigação é o que define o que somos. **ANDREIA HORTA** nasceu para ser professora. Já em criança brincava às professoras, sempre sonhou com este percurso. “Lembro-me de brincar com os meus vizinhos, e eles eram sempre os alunos e eu a professora.” É uma espécie de missão, não uma obrigação. Percebemos, em sala de aula, que conquista os seus alunos com olhares, com gestos e com palavras. Aliás, a professora Andreia é para os “seus meninos” uma espécie de fada madrinha! Uma fada que também interpela quando é necessário, tal qual um bom educador.

Terminou a licenciatura de Professores de 1º Ciclo, atualmente Educação Básica, em 2006, na Universidade do Algarve. Para ela esta escolha foi óbvia: a proximidade da família e o achar que não necessitava de mudar, sentia-se bem aqui. Durante este período criou grandes laços, “fomos muito companheiros, vivíamos tudo com muita intensidade”, recorda. Extrovertida, irrequieta, expressiva, criativa, envolvida em várias coisas ao mesmo tempo, reconhece que é quase hiperativa, tem que estar sempre a preparar algum projeto.

Para esta professora, ensinar a ler, ensinar a escrever, ensinar a fazer contas é uma espécie de poção mágica que abre mundos infundáveis. Talvez porque quando lemos e escrevemos, participamos no universo de forma especial: interagimos uns com os outros por meio de laços simbólicos, independentemente do tempo e do espaço. A

arte de ensinar, desde o 1º Ciclo, leva cada um a desenvolver a sua identidade, a criar memórias e a ampliar a imaginação. Percebemos isso com a professora Andreia. Cada criança tem o seu tempo, um ritmo próprio para desenvolver as suas estruturas, para organizar as palavras, ouvir, ler, escrever e contar.

Defende que na educação é muito importante quando temos educadores que nos marcam, quer por se tornarem nossos modelos, quer pelo caráter que impõem na profissão. “Eu tive professores que me marcaram muito!”

São muitos os que dizem que o nosso primeiro professor nos marca para a vida. Perguntámos-lhe se acha que também vai marcar os seus alunos. De sorriso estampado e com uma cumplicidade de quem já dá como certo este pressuposto, Andreia sabe que vai deixar um pouco de si nos seus alunos, já reconhece pequenas manifestações dos seus ensinamentos nas pequenas revelações do dia a dia, afinal de contas sabe que também está a ajudá-los a construir as suas próprias personalidades, “às vezes mostrando-lhes apenas o que está certo ou errado”, conta-nos.

Andreia experienciou o que muitos colegas seus também sentiram. Nunca ficou colocada no Concurso Nacional de Professores, mas também nunca baixou os braços. Fez uma pós graduação em Língua Estrangeira (Pré-escolar e 1º Ciclo).

Esteve sempre a trabalhar ligada às Atividades de Enriquecimento Curricular (AECs), concorreu a tudo o que era possível concorrer, a todas as câmaras municipais, até que no ano passado foi contratada para um colégio particular. Aqui sim, sentiu que finalmente se abriu outra porta. Apesar das dificuldades inerentes à profissão, Andreia Horta não se consegue imaginar a fazer mais nada. É uma professora feliz!

Lembra que quando estava a tirar o curso pensava, muitas vezes, que lhe estava a ser ensinada muita teoria, talvez devido à sua natureza “hiperativa” achava que o importante era “dar aulas”. Hoje tem consciência de que essa “bagagem” foi essencial para o seu percurso. “Quando preciso, ela está cá”, reconhecendo que afinal a parte teórica e a prática estavam bastante equilibradas.

Falámos-lhe de “prestígio” ou da falta dele. Ser professor é prestigiante nos dias que correm? Como é que a nossa sociedade vê esta profissão? A professora do 2º ano do Colégio Oficina Divertida, em Faro, ergue a sua voz e com alguma altivez refere: “Ser professor é ser construtor do futuro!” Percebemos o que nos quis dizer, se alguns não reconhecem o quão prestigiante é ser professor, também não entenderão que é ele que está a formar os cidadãos que construirão o futuro da sociedade. “A nível governamental acho que somos pouco respeitados!” Em relação ao facto de o ensino básico ser visto por muitos como o “parente pobre da Educação”, Andreia deixa uma espécie de recado: “é o que eu digo aos meus meninos, estamos a construir a base da casa, só depois é que podemos edificar as paredes...”.

Defende que deve haver mais investimento, não apenas em edifícios, mas sim na pedagogia, dentro da sala de aula, para que os professores consigam trabalhar mais e melhor com os alunos que têm mais dificuldades. “Alguns programas são muito exigentes e requerem uma maturidade de raciocínio que algumas crianças com esta idade não têm. São extensos e certos conceitos são demasiado abstratos. Deveria existir mais peso e medida.”

Não alteraria nada, voltaria a tirar o curso de professora, faria tudo igual. Defende que quando se fecha uma porta, existirá sempre uma janela e mais uma e assim sucessivamente. Nunca se sentiu desapaixonada, mas reconhece que para se ser professor é necessária uma grande dose de paixão. Resume o seu caminho numa frase: “depende de nós fazer acontecer.”

Terminámos refletindo sobre a importância que os professores primários, agora professores do 1º Ciclo, tiveram nas nossas vidas. Fica a homenagem à Andreia Horta e a tantas outras professoras primárias, que nos ensinaram a ler e a escrever!

PSICÓLOGA PREMIADA EM ESPANHA

Desde o final do ensino básico que sabia que queria ser psicóloga. Gostava da ideia de ouvir as pessoas, observar os seus comportamentos e, acima de tudo, sonhava com, um dia, poder ajudá-las, através dos seus conhecimentos. Em 2009, **LARA AYALA** terminou a licenciatura em Psicologia na Universidade do Algarve e, hoje, trabalha e vive em Sevilha, onde é investigadora e professora.

Recorda que os seus tempos de estudante na UAlg “foram calmos”, mas garante que gostou bastante do curso. Após ter terminado a primeira etapa, a licenciatura, Lara quis completar a sua formação e ter acesso à profissão de psicóloga, por isso, seguiu para o mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde na UAlg, durante o qual foi bolseira num projeto de investigação interuniversitário, financiado pela Consejería de la Junta de Andalucía e pelas universidades do Algarve, Huelva e Sevilha. Tendo escolhido como tema central do seu trabalho “Stresse, competências percebidas e aliança parental em mães de famílias multiproblematizadas”, a psicóloga apaixonou-se “pelo estudo das famílias em risco psicossocial”, por estas enfrentarem “adversidades que comprometem a sua capacidade de exercer uma parentalidade adequada” e serem um grupo social pouco estudado em Portugal.

Foi com “grande honra” que Lara recebeu, em 2014, o Prémio Joven a la Cultura Científica, atribuído pelo Ayuntamiento de Sevilla, em conjunto com o Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Sobre esta atribuição, a psicóloga considera ter sido “muito animador” ver o seu esforço reconhecido. Para além dos dois mil euros que recebeu, afirma que “a nível de currículo é uma mais-valia e dá-nos a oportunidade de difundir, a nível local, a nossa investigação”.

Atualmente, Lara é bolseira de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia, o que lhe permite continuar a desenvolver a sua investigação na área da parentalidade. Em termos muito latos, o seu trabalho consiste em dois pontos fulcrais: “produzir conhecimentos sobre a realidade individual e social” e “traduzir esses conhecimentos em recomendações baseadas na evidência”, mudando as políticas sociais e “tornando-as mais ajustadas às necessidades reais das famílias.”

Para esta jovem psicóloga, que divide a sua nacionalidade e o seu coração entre Portugal e Espanha, a vocação é fundamental, pois, como a própria afirma, “o mais importante é fazer aquilo que gostamos, que nos faz mexer” e, talvez por isso, Lara confesse que adora o seu trabalho, revelando: “sinto que tenho muita sorte por poder investigar sobre um tema que gosto muito”.

Relativamente ao papel dos psicólogos clínicos, especialmente em tempos difíceis como os que vivemos atualmente, a jovem constata que “a adversidade e a insegurança económica estão associadas a um aumento das doenças mentais, portanto os psicólogos clínicos têm um papel crucial nas instituições para ajudar as

pessoas a lidar, da forma mais adaptativa possível, com o que está a acontecer”.

Extrovertida, trabalhadora, alegre, crítica, responsável e organizada, Lara é uma profissional de sucesso e, apesar do seu pouco tempo livre, sempre que pode lê, viaja, ouve música e, claro, volta ao Algarve, pois, como diz o velho ditado, “o bom filho à casa torna”.



PRESERVAR A DIGNIDADE HUMANA

Recentemente, foi concluído um projeto de investigação no domínio da Sociologia que nos dá conta dos modos como as pessoas preservam a sua dignidade nas fases avançadas da vida, tema ainda pouco estudado não só em Portugal, mas também a nível internacional. Este projeto, coordenado por José de São José, professor da licenciatura em Sociologia, obteve financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e contou com a colaboração de outros investigadores da Universidade do Algarve, de investigadores do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e de consultores internacionais.

Saliente-se que vários estudantes e ex-estudantes da licenciatura em Sociologia participaram na execução de inúmeras tarefas de investigação, destacando-se, entre outras, a recolha de dados através da realização de observação participante e de entrevistas.

Para além disto, este projeto também ofereceu a oportunidade de estudantes e ex-estudantes se encontrarem e participarem na organização de uma conferência internacional, onde se apresentaram as principais conclusões dos trabalhos de investigação. A participação dos estudantes em múltiplas atividades associadas a projetos de investigação tem sido uma aposta do curso em Sociologia, aposta essa que é muito valorizada pelos estudantes.

Como se preserva a dignidade? Esta investigação concluiu que, nas fases adiantadas da vida, as pessoas preservam a sua dignidade de diferentes formas, que variam entre dois polos opostos, nomeadamente um engajamento ativo com a vida e um desejo de colocar fim à própria vida. Porém, preservar a dignidade nas fases avançadas da vida é um processo que não se cinge à realização de atividades físicas e mentais, implicando outras dinâmicas complexas, algumas de natureza simbólica. Importa ainda acrescentar que a preservação da dignidade não depende apenas da ação e da responsabilidade individuais, mas também dos relacionamentos com outras pessoas, especialmente com as que prestam apoio.

Por último, este projeto concluiu que existem outros fatores que preservam a dignidade para além daqueles que têm sido identificados na literatura, nomeadamente os "espaços pessoais", o "poder" e, em casos extremos, a própria morte.

As conclusões deste projeto contribuem para melhor compreender o processo de preservação da dignidade nas fases avançadas da vida, oferecendo, assim, sugestões para que se possa desenvolver um modelo apropriado de orientação das práticas profissionais, de forma a preservar a dignidade humana como princípio absoluto.

TRANSFORMAR A SOCIEDADE

O curso de Educação Social da Universidade do Algarve, em regime diurno e pós laboral, proporciona aos seus licenciados um leque de competências desenvolvidas a partir de um conjunto de marcos teóricos e paradigmas de intervenção reflexivos, ancorados numa matriz dialógica e participativa, que lhes permite exercer funções técnicas e educativas em diversos contextos. De destacar o funcionamento do curso pós laboral que possibilita a pessoas das mais variadas idades, entre os vinte e os sessenta anos, com predominância na faixa dos quarenta, a oportunidade de voltar a estudar. Para muitas delas, o ingresso no curso de Educação Social, mais que elevar qualificações e aperfeiçoar conhecimentos, é o caminho para atingirem o "sonho" de adquirir uma licenciatura.

No 3.º ano desenvolve-se a fase mais prática para a construção de conhecimentos e competências adequadas ao agente educativo com intervenção na comunidade local, urbana, rural ou piscatória.

Nas aulas práticas, os estudantes desenvolvem capacidades analíticas que, no futuro, lhes permitirão, como educadores sociais, compreender e adaptar-se a uma sociedade em rápida mutação e, ainda, fornecer os necessários instrumentos para que, no âmbito da sua intervenção pessoal e profissional, influam nessa mesma transformação social. Os alunos deste curso entram logo em contacto, nas chamadas aulas práticas, com Instituições Sociais, o que tem motivado, muitas vezes, o convite para integrar essas Instituições.

Este curso, que funciona desde 1995 (antes com a denominação de Educação e Intervenção Comunitária), tem licenciados a trabalhar nos mais diversos domínios por todo o país. No Algarve, quase todas as autarquias têm educadores sociais a trabalhar na Ação Social e na área da Cultura. O próprio Instituto de Solidariedade Universitária (ISU), cuja delegação está localizada na Escola Superior de Educação e Comunicação (ESEC) da UAlg, é formado na maioria por ex-alunos do curso de Educação Social. O ISU tem um protocolo de colaboração com o curso, permitindo a realização de vários cursos de voluntariado, que têm proporcionado, a muitos estudantes, várias experiências em África. O mesmo acontece com o Núcleo do Algarve do Instituto Paulo Freire de Portugal, localizado na ESEC, que também constitui um importante recurso para este curso, oferecendo aos alunos um conjunto de ferramentas para o desempenho de funções tão diversificadas como a animação socioeducativa e a animação sociocultural.

No ano letivo de 2014/15, quando as praxes académicas eram motivo de debate público, o curso de Educação Social lançou um projeto alternativo e pioneiro que consistiu num conjunto de atividades desenvolvidas pelos novos alunos, em Aljezur, supervisionados por estudantes dos 2.º e 3.º anos do Curso. Durante quatro dias, estudantes e professores conviveram e interagiram com diversas instituições comunitárias. No próximo ano letivo os "caloiros" farão a sua integração em Alcoutim, onde decorrerá a próxima semana de campo. Na UAlg, todas as atividades no âmbito deste curso são realizadas na comunidade, envolvendo alunos, professores, instituições e projetos.

A Educação Social torna-se cada vez mais emergente, devido à complexidade da nossa sociedade.

Desporto



ESTÁGIO DE SONHO NA RedBull F1

A escolha da Universidade do Algarve surgiu na sua vida por uma questão de proximidade. Já o curso de Desporto foi um desafio lançado pelo pai, com o apoio do irmão e da mãe, todos eles professores de educação física. Na altura já trabalhava como formador, na área da massagem terapêutica, e como coordenador dos Nadadores Salvadores do Algarve. Acompanhava ainda uma equipa de futsal da segunda divisão e acumulava a responsabilidade de treinar a equipa da Escola de Salto com Vara no Algarve, da Federação Portuguesa de Atletismo. Falamos de **FILIPE LARA RAMOS**, um farensense que se considera cidadão do mundo, viajante do tempo, um sonhador. É criativo, pró-ativo, intenso, aventureiro e gosta de desafios. "Sou uma pessoa que aprende como se fosse viver para sempre e vivo como se fosse morrer amanhã." Considera-se um produto das pessoas que admira, das viagens que faz e das experiências que vive. "Os outros dizem que os inspiro, engraçado, mas quem me inspira são eles." Talvez por ter esta filosofia de vida, agarra as oportunidades e vive-as como se não houvesse amanhã.

Desde muito novo esteve ligado ao desporto federado. Praticou quase todas as modalidades, acabando por vingar no atletismo, na disciplina de Salto com Vara. Começou no clube da Escola Afonso III, em Faro, orientado pelo seu primeiro treinador, Silvino Santos, e passou por clubes como o Belenenses, o Sporting Clube Portugal, entre outros. Foi campeão nacional nos vários escalões de Salto com Vara e representou cinco vezes a Seleção de Portugal.

Aos 21 anos licenciou-se em Design Gráfico no IADE, em Lisboa. Nessa altura, revela-nos, "fui a ovelha negra da família". Trabalhou em propaganda, na Polónia e no Brasil. Fundou três revistas culturais

e desportivas. Tirou vários cursos profissionais, foi massagista desportivo em clubes e associações, acompanhando várias seleções regionais, e formador de quiromassagem e de massagem desportiva. Foi ainda o responsável e fundador da Escola de Salto com Vara do Algarve.

Mesmo com uma vasta experiência e invejável currículo, a licenciatura em Desporto pela Universidade do Algarve mudou a sua vida e tornou-o uma pessoa mais confiante e mais segura. "Desde o primeiro dia soube que a minha escolha foi acertada."

Realizou o seu estágio curricular, em 2013, nas categorias automobilísticas de Fórmula 1, GP2, GP3 e WTCC pelas equipas Red Bull e Honda. "O meu local de estágio foi o mundo e a minha base foi em Milton Keynes, 72km a noroeste de Londres, onde é a sede do programa Red Bull Junior Team e da Equipa Infinity Red Bull Racing (Tetra Campeã Mundial de Fórmula 1)." Como surgiu este desafio? Entrou em contacto com o responsável da Red Bull Junior Team, Emiliano Ventura, e propôs-se para ser o seu estagiário. Filipe diz-se grato à Universidade, realçando não só o apoio pecuniário que lhe foi dado durante o estágio curricular, através de uma bolsa, mas também pela direção do curso e da comissão de estágio. "O meu estágio foi a ponte da teoria para a prática. Foi uma experiência fantástica e única. Não há palavras para descrever... só sentimentos que ficaram marcados para o resto da vida. Experimentei momentos e situações que só alguns podem usufruir. Tenho a perfeita noção que fui um estagiário privilegiado!"

Nunca tivera qualquer ligação com o automobilismo, só através da televisão. Jamais

imaginou que poderia conviver com atletas como Fernando Alonso, Carlos Sainz, Sebastien Loeb, Gabriel Tarquini, Tiago Monteiro, Dany Torres, entre muitos outros de renome mundial. Durante o seu estágio, acompanhou os atletas do programa Red Bull Junior Team: o português António Felix da Costa (piloto de testes da Red Bull Racing), o espanhol Carlos Sainz Jr (atual piloto da Toro Rosso da F1) e o russo Daniil Kvyat (atual piloto da Red Bull Racing). Este acompanhamento implicava a intervenção em várias áreas, 24 sobre 24 horas, sete dias por semana. Durante o período de estágio, realizou um inquérito a todos os pilotos das categorias de GP3 e GP2 (categorias inferiores a F1) com o intuito de saber que tipo de trabalho de preparação física e mental realizavam. "Foi uma experiência muito gratificante, mas que exigiu muito de mim", recorda. Além dos treinos, Filipe Lara Ramos acompanhava competições, viagens, estágios, férias e famílias. Inclusive, acabou por nos confidenciar que Daniil Kvyat adorou Portugal quando esteve a estagiar no Algarve, trocando a sua estadia num prestigiado hotel algarvio, pela casa do então aluno da UAlg.

Viveu e experienciou tantas coisas que achou que era obrigatório partilhar estes momentos com os seus colegas de curso, mostrando-lhes, assim, mais uma possível saída profissional na área do automobilismo. Organizou um seminário na UAlg sobre o mundo da Fórmula 1.

Hoje, graças a este estágio, sente-se um cidadão do mundo e um viajante do tempo. Esteve em 10 países e em 49 cidades, num período de nove meses. "Pode parecer impossível de acreditar mas a agitação era tanta que havia dias que não sabia onde me encontrava, tinha que aceder ao meu *Ipad* para ele me informar a minha localização no GPS." Lembra que a temporada do mundial de Fórmula 1 de 2014 começou na Austrália, em março, e terminou após 19 corridas, em novembro, em Abu Dhabi, com uma média de duas corridas por mês, passando pelas Américas, Europa e Ásia.

Tem a certeza que este estágio mudou a sua vida. Aprendeu que, mais importante do que saber falar outras línguas, visto que estas equipas são multiculturais, é saber comunicar, seja de que forma for. Sempre viveu ligado ao desporto e esta licenciatura serviu para completar um sonho que tinha desde pequeno. Questionado sobre se gosta do que faz, Filipe enfaticamente responde: "Eu não gosto do que faço! Eu adoro o que faço!" Sente-se um privilegiado.

Num turbilhão de emoções e pelo meio de tantas viagens, tivemos dificuldade em perguntar-lhe o que mais gosta de fazer nos tempos livres, se é que os tem, mas a resposta, mais uma vez, foi perentória: "gosto de deixar de ser o segundo plano e passar a ser a personagem principal". Mas como é que um desportista consegue atingir a sensação de bem-estar? O corpo conquista o que a alma conquista, e Filipe Lara Ramos gosta de manter a mente sã. Como? Fazendo desporto!

PRIMEIROS MÉDICOS DA UALG NA SAÚDE DO ALGARVE



Ele licenciou-se em Ciências Farmacêuticas para seguir o negócio da família, ela escolheu Enfermagem devido à sua paixão pela área da saúde. Hoje, **LUÍS CASTELO BRANCO** e **TÂNIA GAGO** são médicos. Deixaram para trás as suas carreiras e, sem hesitar, ingressaram no Mestrado Integrado em Medicina (MIM) da Universidade do Algarve.

Natural de Cantanhede, distrito de Coimbra, Luís Castelo Branco queria completar a sua formação e, por isso, entendeu que o MIM era uma “ótima opção”.

Tânia Gago nasceu e cresceu em Faro e, sempre dedicada à área da saúde, ingressou na licenciatura em Enfermagem na UAlg, complementando-a, mais tarde, com um mestrado em Ciências da Educação na Universidade de Lisboa. Contudo, Tânia ainda não estava satisfeita e, por isso, candidatou-se ao MIM por este ser “um projeto inovador” e por achar que a medicina era a área que lhe daria “a possibilidade de ver a Saúde na forma mais integral”.

Após a conclusão da sua licenciatura, e antes de ingressar no curso de Medicina, Luís trabalhou numa consultora farmacêutica. Já Tânia exerceu enfermagem, durante um ano, no Centro Hospitalar do Algarve, serviço de ortopedia e neurocirurgia e, mais tarde, teve a oportunidade de integrar um novo serviço de medicina, no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, onde amadureceu os seus “conhecimentos enquanto enfermeira”.

Apesar de terem percursos diferentes, os destinos de Luís e Tânia acabaram por se cruzar no curso de Medicina da UAlg. Ambos concordam que o curso superou as expectativas e que foi uma experiência muito interessante e positiva. O caráter prático, que permite aos estudantes um contacto imediato com a realidade clínica desde o primeiro ano, é, na opinião dos dois médicos, o elemento diferenciador deste curso.

Foram as “cobaias” deste mestrado integrado, pois foram eles que estrearam e experimentaram este projeto inovador, mas isso só os tornou mais orgulhosos por poderem fazer parte da família MIM e, tal como Tânia Gago afirma, “nós próprios fizemos parte do projeto, lutámos conjuntamente por ele”.

Após terem terminado o curso de Medicina, em 2014, Luís e Tânia escolheram as suas especialidades médicas e, atualmente, ambos exercem funções no Centro Hospitalar do Algarve, em Faro.

Luís seguiu Oncologia, por esta lhe parecer a área que tem mais futuro e por ser uma área desafiante, “onde se investe muito na investigação de novos tratamentos”. O médico acredita que pode “contribuir positivamente para a saúde dos doentes”, pois estes são “pessoas que precisam muito do nosso apoio humano e técnico”.

Já Tânia Gago, por outro lado, escolheu a especialidade de Gastroenterologia, devido ao facto de esta ser “das especialidades mais completas”, abrangendo as várias áreas da medicina: prevenção, diagnóstico, intervenção terapêutica e potencial investigação em medicina.

Mudaram de carreira e não se arrependem. “Contornando pedras ou saltando por cima delas”, tanto Luís como Tânia vivem, hoje, um sonho antigo: são médicos e adoram a sua profissão!

Ciências Biomédicas

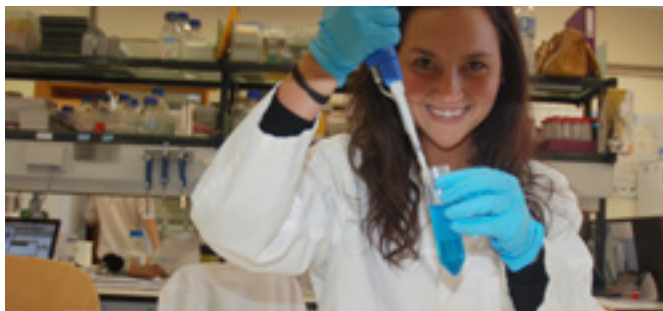
OS MISTÉRIOS DA GENÉTICA HUMANA

Sempre se interessou pela descoberta dos mecanismos que dão origem a doenças e, neste momento, trabalha na área com que sempre sonhou.

IRIS SILVA licenciou-se em Ciências Biomédicas pela Universidade do Algarve e, atualmente, é doutoranda da mesma área, na instituição algarvia, em colaboração com o Centre Hospitalier de l'Université de Laval, no Canadá.

Natural de Tavira, resolveu arriscar e estudar na Universidade da sua região, por esta ter acabado de criar o curso que lhe preenchia o coração. Arriscou e valeu a pena. Iris acredita que “a UAlg é como uma grande família. Todos tomam conta uns dos outros, todos fazem o maior esforço para ver os alunos progredirem com sucesso e, no fim, acho que nos podemos orgulhar da maioria das pessoas que faz parte desta universidade”.

Apesar de ter podido escolher entre muitas outras áreas dentro das Ciências Biomédicas, a investigadora admite que a genética foi a área pela qual sentiu maior interesse, devido, também, à sua monografia de final de curso que se debruçou sobre “Testes genéticos na deteção precoce do cancro da mama”. A partir desse momento, a genética passou a fazer parte da vida profissional de Iris e, tanto no seu mestrado, como, agora, no seu doutoramento, a biomédica investiga esse tema.



Ao ser questionada sobre a sua condição como bolsista de investigação da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), Iris crítica a forma como “o bolseiro ainda é visto, alguém que tem de se sentir sortudo por ser «estudante» e receber ordenado”, afirmando que, tal como os outros bolseiros, ganhou a sua bolsa por “mérito próprio, tal como uma pessoa normal ganha acesso a qualquer posto de trabalho”.

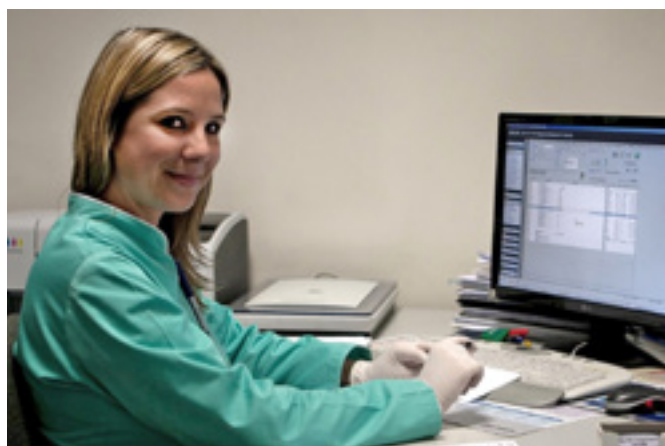
Apesar do incómodo gerado pela precariedade do seu trabalho, e acreditando que “os investigadores portugueses são dos melhores a nível mundial”, Iris não perde o entusiasmo e continua a investigar. No âmbito do seu doutoramento na área da genética humana, investiga “o estudo funcional dos genes que possam estar relacionados com a doença óssea de Paget” e pretende explicar de que forma as alterações genéticas podem estar na origem desta patologia. Com este estudo, Iris ambiciona usar a deteção precoce para que se aplique medicação preventiva aos doentes, assim como desenvolver terapias mais eficazes.

Para Iris Silva, “o corpo humano é a coisa mais interessante de sempre” e a licenciatura em Ciências Biomédicas foi o que despertou a sua curiosidade para continuar a estudar os mistérios do nosso corpo.

Positiva, ambiciosa e com uma vontade de aprender infindável, descreve-se como uma *workaholic* e mostra-se feliz por ter “o emprego que sempre quis”. No caso de Iris, a célebre frase de Confúcio aplica-se na perfeição: “Escolhe um trabalho de que gostes, e não terás que trabalhar nem um dia na tua vida.”

Ciências Farmacêuticas

A FARMACÊUTICA ESPECIALISTA EM ANÁLISES CLÍNICAS



Pode dizer-se que é uma mulher do Norte, uma minhota de gema, mas já rendida aos encantos do Sul. **JOANA MAGALHÃES**, nascida em Viana do Castelo e criada em Esposende, veio para Faro os 17 anos, “muito novinha”, recorda, mas cheia de coragem para abraçar um mundo inteiro.

Hoje, volvidos mais de 20 anos, recorda esses tempos com saudade, mas também com muito orgulho pelo percurso que trilhou e com algumas amigas sólidas como recordação.

Foi na UAlg que tirou a sua primeira licenciatura, Bioquímica. Depois resolveu continuar a sua formação no estrangeiro e inscreveu-se num mestrado em Imunologia Médica, na Universidade de Liverpool, que lhe encheu a alma. Após estes anos de formação conseguiu ter uma certeza: “queria trabalhar num laboratório de análises clínicas”, mas quando iniciou esta carreira percebeu que queria progredir, queria candidatar-se ao “Título de Especialista em Análises Clínicas”, título este que só pode ser atribuído a farmacêuticos e médicos. Este desejo levou-a a ser uma das pioneiras do mestrado integrado em Ciências Farmacêuticas da UAlg. “Estava grávida da minha filha, mas cheia de garra e coragem, apoiada pela família, colegas e amigos e acompanhada por uma grande amiga, que também embarcou nesta aventura”.

No laboratório onde trabalha atualmente é responsável pelas áreas da Bioquímica e Imunologia e é, ainda, Gestora da Qualidade.

Adora o que faz! O curso de Ciências Farmacêuticas foi uma mais-valia, pois graças a ele já está a terminar o primeiro ano da especialidade.

Tudo o que aprendeu na Universidade tem sido fundamental na sua vida, não só a aprendizagem ligada diretamente à profissão, mas também todas as vivências e experiências.

Continua a acompanhar de perto a UAlg, principalmente as áreas mais relacionadas com a saúde, como o curso de Ciências Farmacêuticas e o curso de Medicina, que, na sua opinião, vieram preencher e enriquecer bastante o leque de ofertas da UAlg.

Joana é apaixonada pelos pequenos prazeres da vida, gosta de aproveitar e estar ao máximo com a família. Adora correr, ler e rir com os amigos, mas continua a achar que a formação é sempre importante e imprescindível. A mulher do Norte encantou-se pelo Reino dos Algarves e, ao que parece, pela UAlg também!



A CHAVE PARA O DIAGNÓSTICO CLÍNICO

Faltavam cinco minutos para a hora marcada quando chegámos à unidade de Gambelas do Hospital Particular do Algarve (HPA), onde nos iríamos encontrar com **ANDRÉ MESTRE**, licenciado em Radiologia (curso substituído pela atual licenciatura em Imagem Médica e Radioterapia), pela Universidade do Algarve e responsável pelo serviço de Imagiologia daquele grupo hospitalar. Foi com simpatia e alguma timidez que André nos recebeu no seu local de trabalho, mas depressa se habituou à nossa presença e curiosidade.

Natural de Castro Verde, distrito de Beja, André decidiu estudar na UAlg por esta reunir as condições que, na sua opinião, seriam as ideais: era próxima da sua terra natal e tinha na oferta formativa o curso que pretendia frequentar.

Quando terminou o ensino secundário, resolveu prosseguir os estudos na área da saúde pela sua elevada taxa de empregabilidade e, claro está, pela procura do sentimento de “realização pessoal”, contou-nos o técnico de radiologia e imagiologia.

Com a curiosidade com que chegámos ao local, queríamos realmente saber: mas afinal o que faz um técnico de radiologia? André explicou-nos e pareceu-nos muito simples. São “técnicos de diagnóstico e terapêutica, que possuem formação para realizar uma vasta área de exames

por imagem, como radiografias, mamografias, densitometrias ósseas, e outros mais complexos, como tomografia computadorizada e ressonância magnética, fornecendo, também, apoio em diversas especialidades cirúrgicas no bloco operatório.”

Apesar da definição parecer simples, André acredita que “a população ainda desconhece na realidade o papel que estes técnicos desempenham e as diversas técnicas existentes no que diz respeito ao diagnóstico e terapêutica”, o que, na sua opinião, faz com que os técnicos de radiologia, assim como outros profissionais de saúde, sejam “por vezes esquecidos e pouco valorizados”.

Mas, na verdade, este trabalho é, muitas vezes, a chave para a conclusão do diagnóstico do doente e, consequentemente, para a decisão clínica do tratamento adequado.

Começou como *freelancer* em algumas clínicas do Algarve e Alentejo, após tirar o bacharelato em Radiologia, mas, não se sentindo totalmente satisfeito, prosseguiu os estudos e ingressou na licenciatura. Em 2009, surgiu a grande oportunidade para trabalhar no Grupo HPA, onde, garante, pôde exercer a sua profissão “em todas as valências

disponíveis”, adquirindo, de uma forma gradual, “experiência e formação para desempenhar a atividade profissional com total autonomia.”

Dois anos depois surge o grande desafio: o convite para coordenar toda a equipa de técnicos de radiologia e organizar os serviços de imagiologia do grupo hospitalar.

Sendo organizado, dinâmico, e com sentido de responsabilidade, como o próprio se define, esta foi a oportunidade ideal para mostrar todas as suas qualidades. Desde elaborar escalas de serviço, gestão de equipas, pedidos de compra e gestão de *stocks*, gestão e manutenção dos equipamentos do serviço de imagiologia, até à sua função de técnico de radiologia, André vive num frenesim constante, mas gosta daquilo que faz, pois aprecia o contacto com o público e gosta de sentir que, no final, dá um contributo positivo para o bem-estar dos doentes.

De sangue alentejano, mas coração algarvio, André é um caso de sucesso. Nos tempos livres gosta de fazer desporto e de “usufruir do ótimo clima e paisagens que temos no nosso país”. É caso para dizer que está no sítio certo, pois André tem a sorte de “trabalhar onde é bom viver”.

Enfermagem



Considera-se uma pessoa sonhadora, resiliente, rigorosa e muito determinada. Os sonhos são inevitavelmente o que a move, acredita que o sonho a motiva, a direciona e a inspira.

Para **TÂNIA GONÇALVES** o caminho apenas faz sentido se existirem locais por onde sonha passar. “Comparo-me sempre ao melhor que posso ser e confesso que sou bastante exigente comigo mesma. Às vezes, a minha infundável teimosia conduz-me ao objetivo, não me contento com o suficiente e, se acredito que sou capaz de fazer mais e melhor, não baixarei os braços diante dos obstáculos, ainda que possa ter meio mundo a dizer que o que fiz foi suficiente”.

Percebemos porque é que Tânia, licenciada em Enfermagem pela UAlg, recebeu quatro bolsas de mérito e um prémio Caixa Geral de Depósitos durante os quatro anos de licenciatura.

É natural de Faro, mas o seu coração ao mundo pertence. Adora ver o contraste de culturas, a diversidade de paisagens e experiências que este planeta lhe oferece. “Vejo-me como uma pessoa do mundo, obviamente que me orgulho do meu país e da minha cidade, mas gosto de acreditar que nasci em Portugal como poderia ter nascido em qualquer outro local do Mundo, a beleza de ser pessoa reside precisamente em poder aprender com tudo o que nos envolve, nos diferentes contextos e nessa fantástica capacidade de adaptação que reveste o ser humano.”

Viu na Universidade do Algarve uma instituição jovem e, por isso, uma academia dinâmica com elevado exponencial de crescimento. Concomitantemente, também achou que o plano de estudos do curso de licenciatura em Enfermagem parecia bastante completo. “O facto de num só dia poder conjugar aulas, exercício físico, ida à praia ou passeio pela ria formosa, tendo subjacente um clima mediterrânico que permite efetuar uma série de atividades ao ar livre, é sem dúvida algo que sempre me entusiasma.”

Florence Nightingale, famosa enfermeira britânica, disse “escolhi Enfermagem porque amo e respeito a vida” e Tânia não poderia estar mais de acordo. “Sempre me fascinou esta essência da enfermagem, de preservar a subjetividade das pessoas sem as resumir a meros objetos que serão alvo de tratamento. Porque, se assim fosse, como seria quando não houvesse hipótese de tratamento?” Para Tânia, a enfermagem afirma a sua identidade e dignidade. Mesmo na ausência de tratamento e na impossibilidade de acrescentar dias à vida, o enfermeiro tem um papel preponderante em acrescentar vida aos dias, acompanhando a pessoa no processo de morrer. Sempre foi esta a ideia que construiu acerca da Enfermagem, “uma profissão que se tem afirmado pela sua autonomia técnica e científica, cujo agir está presente em diversos contextos e que integra uma formação para a vida, que assenta não apenas em técnicas e conhecimentos teóricos baseados na evidência científica, mas também uma profissão repleta de princípios e valores, técnicas de comunicação e relação interpessoal, autoconhecimento e resposta humana”.

Terminou o curso em 2012. Pelo meio viveu um Erasmus em Oviedo. Foi uma experiência que lhe permitiu aprofundar conhecimentos interculturais e desenvolver uma mentalidade mais flexível. A possibilidade de conhecer um outro sistema de saúde, com uma distribuição e organização de competências diferentes também foi favorável ao desenvolvimento da capacidade de adaptação. E esta experiência foi tão importante que no ano seguinte integrou mais um programa de mobilidade — o programa Almeida Garrett — tendo ido estudar para a Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa.

Orgulhosa dos prémios de mérito que recebeu, esta enfermeira diz que sentiu que também estava a contribuir para a visibilidade e afirmação da Enfermagem, “era o enaltecer de um caminho que estava a ser construído com muito empenho e dedicação”. Face ao mencionado, considera que

o mérito deve realmente ser reconhecido pois é condição *sine qua non* para o sucesso e constitui um preponderante fator motivacional.

Foi no 10.º ano, já depois de ter ingressado no ensino secundário, que constatou que queria ser enfermeira. Na altura tinha tido uma doença aguda com necessidade de recorrer ao hospital, lembra-se de focar a sua atenção nos enfermeiros, de tal modo que quando chegou a casa decidiu ir pesquisar um pouco sobre o trabalho daqueles profissionais e sobre a história da Enfermagem. Desde então a decisão estava tomada e não se alterou. Hoje gosta muito do que faz e espera que o seu percurso dignifique a Enfermagem.

Defende que a representação social que os clientes têm dos profissionais é, em grande parte, determinada pelos próprios. Sobre a ideia preconcebida de que muitos enfermeiros gostariam de ser médicos, Tânia refere que ela própria é o exemplo contrário, porque obteve uma classificação média no ensino secundário que lhe permitia entrar em qualquer faculdade de medicina do país, mas, mesmo assim, quis ser enfermeira. “Não poderia estar mais contente com a minha decisão e com o meu percurso porque, de verdade, adoro a Enfermagem e sinto orgulho em ser enfermeira.”

Atualmente a trabalhar no Serviço de Medicina I do Centro Hospitalar do Algarve, onde está desde setembro de 2012, desenvolve uma prática profissional autónoma e interdependente, centrada na pessoa que necessita de cuidados. Afirma que em todo este processo é central a comunicação e as relações interpessoais que estabelece. Mais recentemente integrou algumas funções relacionadas com a gestão e organização do trabalho em enfermagem, sendo denominada algumas vezes “enfermeira responsável de equipa”, o que lhe permitiu desenvolver um sentido de responsabilidade acrescido. Também iniciou, há relativamente pouco tempo, o processo de orientação de estudantes de enfermagem em ensino clínico o que, assegura, “tem sido bastante gratificante”.

No que se refere à formação e porque considera que o conhecimento nunca é demais, está a concluir o Mestrado em Gestão de Unidades de Saúde na UAlg. Indubitavelmente, tem a certeza de que a qualidade da formação obtida no curso de Enfermagem foi determinante no seu percurso e, por conseguinte, no exercício da sua profissão. “Muito do que hoje sou deve-se a todos os docentes que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, motivando-me e incentivando-me a prosseguir.”

Ainda hoje, quando regressa à Universidade se sente em casa, “acho que tem um maravilhoso contributo na construção do nosso Eu, não só no que aos conhecimentos e competências se refere, mas também ao modo de estar, de ser, de pensar e de refletir”.

PREVENIR A DOENÇA, PROMOVER A SAÚDE

Nasceu em Oeiras, mas cresceu em São Brás de Alportel, onde completou o ensino básico e secundário. No oitavo ano estudou em Angola, na Escola Portuguesa de Luanda, o que lhe permitiu conhecer as suas raízes e crescer enquanto pessoa. **PAULO NIZA** entrou com 19 anos na Universidade do Algarve, no curso de Dietética (curso substituído pela atual licenciatura em Dietética e Nutrição), para viver “um dos melhores períodos da sua vida”. Enquanto estudante viveu tudo o que podia viver, foi vice-presidente da Direção-Geral da AAUAlg e presidente da Mesa da Assembleia Magna, membro da Versus Tuna – Tuna Académica da Universidade do Algarve, organizou semanas académicas, receções ao caloiro e encontros formativos na área da saúde.

Diz que escolheu a Universidade do Algarve, acima de tudo, pela forte aposta que esta fez na área das Tecnologias da Saúde, em 2003, um ano antes da sua entrada, com a criação de cinco novos cursos e a reestruturação do curso de Dietética.

Apaixonado pela região algarvia e pela área da saúde, e com boas referências do curso e da Universidade, recolhidas junto de amigos e familiares, a decisão pela Dietética foi praticamente imediata.



“Escolhi estudar Dietética pela diversidade de áreas de intervenção que apresenta, desde a nutrição clínica à nutrição desportiva, passando pela nutrição comunitária, alimentação coletiva, segurança e legislação alimentar, entre outras.” Se é verdade que desde pequeno sempre teve interesse pela área da saúde em geral, a paixão direta pela nutrição nasceu muito mais tarde, perto do seu ingresso no ensino superior, fruto de alguma curiosidade e vontade de potenciar o seu desempenho desportivo através de uma correta alimentação.

De momento, trabalha como Dietista na Santa Casa da Misericórdia de Lagos (SCML), onde é responsável pela gestão do Serviço de Alimentação e Dietética. No seu serviço, batalha acima de tudo para que a alimentação continue a ser a chave para o sucesso da integração dos utentes, assim como para a prevenção da doença e promoção da saúde. Da realização de rastreios e avaliação do estado nutricional de crianças e idosos, ao controlo das condições de higiene e segurança alimentar com que são realizados todos os procedimentos alimentares, passando pela elaboração de ementas, muitas são as atividades que desenvolve diariamente. “Entre crianças e idosos, são mais de 700 os utentes que beneficiam dos nossos serviços. O elevado número de utentes e funcionários reflete-se no número de refeições servidas diariamente, cerca de 1600.”

Do seu percurso profissional, recorda o ano 2009 como o mais incrível e, ao mesmo tempo, o mais cansativo que viveu até hoje. “Fui, em simultâneo, responsável pelo Serviço de Alimentação e Dietética da SCML, aluno do mestrado em Gestão Empresarial, membro ativo da Versus Tuna e presidente da Mesa da Assembleia Magna da AAUAlg.” Pelo meio integrou vários projetos ligados à sua área, até que, em 2012, voltou à Escola Superior de Saúde para colaborar com a Universidade do Algarve como docente do curso de Dietética e Nutrição. “Poder colaborar na formação de novos profissionais foi motivo de grande orgulho para mim.” Desde então, já orientou diversos estágios curriculares. Atualmente, desempenha funções na SCML, na Bué Bebé – Berçário e Creche, na Universidade do Algarve e na Clínica A Lacobrigense.

Reconhece que o que aprendeu na Universidade, dentro e fora das salas de aula, o preparou para trabalhar em qualquer área de intervenção nutricional, para não desistir e para não virar a cara à luta. “A qualidade do ensino, as boas condições físicas para o estudo, bem como as experiências de associativismo e o contacto com profissionais de dietética no terreno, durante o estágio curricular, constituem, ainda hoje, parte fundamental de cada vitória alcançada a nível profissional.”

Paulo Niza considera que o excesso de peso e a obesidade são os principais problemas de saúde a nível mundial e os seus números, epidémicos, falam por si. Os dietistas devem ser parte da solução, ajudando a liderar o processo de combate à obesidade. Devem identificar e promover ações transversais que incentivem o consumo de alimentos de boa qualidade nutricional, de forma articulada e integrada com profissionais de outros setores, nomeadamente do desporto, agricultura, ambiente, educação, segurança social e autarquias.

Paulo Niza defende que “os dietistas só serão verdadeiramente parte da solução se apostarem, simultaneamente, no combate e na prevenção, com especial atenção para as crianças de hoje, os adultos de amanhã.”

Os portugueses, orgulhosos da sua gastronomia e vinhos, adoram sentar-se à mesa para comer, beber e conviver. Se é verdade que esta salutar dinâmica vem de longe e ainda hoje se mantém, os padrões de consumo são agora bastante diferentes do que eram no passado. Os hábitos alimentares dos portugueses estão, cada vez mais, afastados dos princípios da variedade, equilíbrio e moderação. “Temos vindo a assistir a uma distorção gradual da roda dos alimentos por parte dos portugueses, especialmente na última década, com consumos excessivos de sal e gordura de origem animal e um baixo consumo de substâncias protetoras presentes nos frutos e produtos hortícolas”, explica o dietista.

Paulo Niza recorda os seus tempos de estudante com uma enorme saudade, mas com a forte convicção de que tirou o máximo proveito de uma experiência única. Conheceu novas pessoas, novas culturas e tradições, foi músico, tuno e trovador. “Foram anos perfeitos.”

Na sua opinião, continua a ser importante tirar um curso superior, apesar do crescente número de licenciados a emigrar ou no desemprego. “Sou da opinião que um curso superior ainda é uma vantagem no acesso ao emprego e na obtenção de melhores condições de trabalho e remuneração. O saber teórico ou fruto da experiência ainda tem o seu valor de mercado.”

Muito perto da casa dos 30 anos, mantém um espírito jovem, quase adolescente, de quem ainda quer ser e fazer muitas coisas, de quem desconfia do impossível e acredita que a sorte protege sempre os audazes. Benfiquista ferrenho, adora a diversidade de coisas que faz, mas confessa que “estar simultaneamente envolvido em diversos projetos lhe cria uma certa inquietação, um burburinho de fundo que não o deixa adormecer”. Se “a inquietação e descontentamento são as primeiras necessidades do progresso” (Thomas Edison), então pode dizer-se que Paulo vai no caminho certo, o primeiro passo está dado.

Ortoprotesia

ORTOPROTESIA CRIA EMPREENDEDORISMO

Começou a trabalhar aos 19 anos como terapeuta e a estudar, simultaneamente, na UAlg.

LEILA RODRIGUES, licenciada em Ortoprotesia, diz que a arte lhe está no sangue e vê a ortoprotesia como uma forma de arte. Tentou sempre conciliar os estudos com outras formações na área das medicinas alternativas e trabalhar nelas quando teve oportunidade, até que encontrou o curso que a preenchia (Ortoprotesia), porque juntava anatomia, física e mecânica, áreas que sempre adorou.

Com alguma mágoa recorda que não teve muito tempo para conviver com os colegas, por ser trabalhadora estudante. "Tenho grandes memórias de alguns dos meus professores que sempre me apoiaram." Apesar de anteriormente ter frequentado outra licenciatura, tem a certeza de que a ortoprotesia foi a melhor coisa que lhe aconteceu na vida. "Ver alguém andar depois de ter perdido um membro, aliviar um ser humano porque lhe fizemos uma palmilha ortopédica, corrigir uma escoliose e ver o sorriso estampado no paciente, é uma sensação de dever cumprido e, para mim, não existe melhor profissão, nem melhor sensação do que servir os outros."

Trabalhou em vários centros ortopédicos, mas a sua natureza empreendedora fê-la concorrer, em 2012, ao Concurso de Ideias promovido pelo CRIA – Divisão de Empreendedorismo e Transferência de Tecnologia da UAlg, no âmbito do projeto Transebt, com um plano de negócio para criar a sua própria empresa, sendo uma das finalistas entre Portugal e Espanha. Não recebeu nenhum prémio monetário, mas considera que foi uma mais-valia porque lhe permitiu amadurecer a sua ideia de negócio. Criou um laboratório de confecção de próteses e ortóteses. Tem um gabinete de atendimento ao paciente, onde tira as medidas e os moldes, fazendo uma avaliação completa. Após a prescrição médica, confeciona a ortótese ou prótese.



"Amo o que faço. Trabalho sábados e domingos e não abdicó dos meus pacientes a qualquer hora. Eles sabem que eu estou sempre disponível."

Continua a manter-se ligada à UAlg e sempre que recebe solicitações dá o seu contributo para que a ortoprotesia seja mais divulgada.

Acha que tem tido um percurso positivo, acima de tudo, com os pés muito assentes na terra. Foi nessa base que teve a sua formação enquanto pessoa e vai continuar a agir desta forma.

Além da ortoprotésica Leila Rodrigues, existe ainda uma pessoa empática, muito dinâmica, que gosta de natación e bodyboard, mas que, acima de tudo, é muito generosa com os outros.

DESCOBERTA POR UM “CAÇADOR DE TALENTOS”

Em terras de sua majestade, **LAURA RUA** é a princesa dos medicamentos.

Natural de Quarteira, Laura realizou o seu sonho de criança e licenciou-se em Farmácia na Universidade do Algarve, em 2007. Sempre achou fascinante o “mundo dos medicamentos” e agora, oito anos depois, realiza manipulação de citotóxicos (quimioterapia) na clínica Leaders in Oncology Care, uma instituição privada de luxo, em Inglaterra, especializada em oncologia.

A nostalgia e a saudade são sentimentos constantes nas palavras de Laura ao recordar o tempo de estudante na UAlg. A antiga aluna garante que foram “momentos muito gratificantes”, que lhe abriram “portas para um futuro melhor”, salientado, com satisfação, as amizades iniciadas durante a vida académica que, apesar de longe, continuam a fazer parte da sua vida.

Começou por trabalhar numa parafarmácia em Vilamoura e, depois, numa farmácia em Quarteira, mas foi no ano de 2011 que tudo mudou, e a vida profissional de Laura nunca mais voltaria a ser a mesma.

Sem olhar para trás, rumou até à capital inglesa onde começou a trabalhar na Boots, The Chemist, tendo sido nomeada “The Best Pharmacy Technician of the Year 2011” (melhor técnica de farmácia do ano 2011), mas foi no final de 2014 que o seu conto de fadas começou.

Ao contrário da Cinderela, ninguém encontrou o seu sapato, mas sim o seu currículo que, de alguma forma, estava “perdido” numa base de dados online. Ao averiguar o currículo de Laura, um “caçador de talentos” de uma agência de recrutamento achou-a a candidata perfeita para ocupar o cargo de técnica de farmácia na prestigiada clínica inglesa.



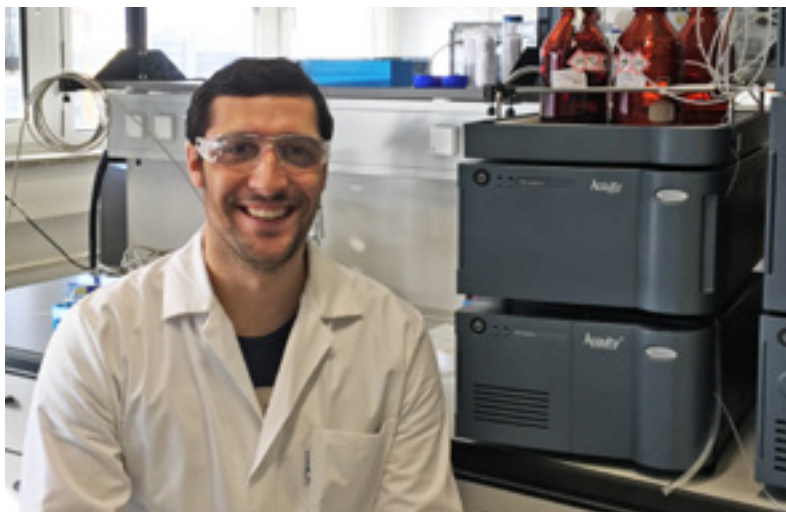
Laura aceitou de imediato o desafio. De momento, divide o seu tempo entre a dispensa e aconselhamento de medicamentos em ambulatório e a preparação de soluções intravenosas e subcutâneas, em ambiente assético, de modo a minimizar a contaminação do produto que, posteriormente, é administrado aos pacientes.

Positiva, persistente, teimosa, emocional, ambiciosa e sonhadora, Laura é adepta de um estilo de vida saudável e apaixonada pela dança e pela culinária, tendo até criado uma página no *Instagram* onde partilha com os seguidores as fotografias das suas receitas preferidas.

Laura adora viajar. Desde Espanha, até ao Camboja, passando pelas terras do Tio Sam, até ao Brasil tropical, já teve a oportunidade de conhecer diversos países e, consequentemente, diversas culturas, mas, apesar de todas essas viagens e experiências multiculturais, Laura acredita que o seu país de sonho “é e sempre será Portugal”, para o qual um dia, talvez, volte definitivamente.

Farmácia

PRÓXIMA GERAÇÃO DE MEDICAMENTOS OCULARES



Trabalhador, empreendedor, ambicioso e com uma ótima imaginação, **NUNO MADEIRA DO Ó** é licenciado em Farmácia pela Universidade do Algarve e, neste momento, vive em Heidelberg, na Alemanha, onde é responsável por uma equipa de investigação na Novaliq, uma companhia que se dedica, especialmente, à produção e distribuição de medicamentos oculares.

Ingressou na UAlg, em 2004, por acreditar que, sendo o curso de Farmácia um projeto com apenas um ano, havia um grande “potencial para fazer coisas novas e interessantes”, mas confessa que sempre teve “interesse na área das Ciências da Saúde”.

Viveu os seus tempos de estudante com grande intensidade, pois, para além do estudo, sempre se dedicou a outras atividades académicas, que, garante, lhe ensinaram “coisas que não vêm nos livros” e que o ajudaram bastante no seu futuro.

Após ter terminado a licenciatura, exerceu as mais variadas funções. Foi professor assistente, técnico de farmácia, consultor de uma rede de parafarmácias, e, pelo meio, tornou-se mestre em Tecnologia Farmacêutica pela Universidade de Sevilha.

Com uma mente muito “irrequieta” e “sempre à procura de novos desafios”, Nuno rumou até Nottingham, Inglaterra, para realizar o seu doutoramento, onde venceu, em 2013, o prémio Entrepreneurial Grant, com o seu projeto para a criação de uma rede social e de network dedicada a profissionais de ciência.

Em novembro de 2014, mudou-se de armas e bagagens para Heidelberg para trabalhar na Novaliq. Diariamente, Nuno trabalha na otimização de formulações, usando a tecnologia da empresa para promover ao máximo o potencial terapêutico das biomoléculas, como os peptídeos, as proteínas e os anticorpos.

Garante que o curso de farmácia lhe forneceu “todos os conhecimentos base” para o que faz no seu quotidiano e acredita que não há um único dia em que não use algo que lhe foi ensinado enquanto aluno.

Não tem muito tempo livre, mas quando o tem pratica desporto, passeia e trabalha na sua empresa, a Lusificar — Portuguese Wine Representatives, uma empresa dedicada à exportação e promoção de produtos portugueses, cujo principal objetivo é introduzir marcas de vinho portuguesas no mercado inglês.

Com o seu tempo dividido entre a indústria farmacêutica e a divulgação da cultura portuguesa, Nuno é um profissional de sucesso, que um dia teve a UAlg como sua casa e hoje procura contribuir para o que acredita ser “a próxima geração de medicamentos oculares”.

Ciências Biomédicas Laboratoriais

Resultando da agregação das licenciaturas em Análises Clínicas e Saúde Pública e Anatomia Patológica, Citológica e Tanatológica, foi criado o curso de licenciatura em Ciências Biomédicas Laboratoriais (CBL), que começa a funcionar no ano letivo 2015/2016.

Este curso vem qualificar os seus diplomados para o “exercício independente e autónomo do conteúdo funcional das profissões de Análises Clínicas e Saúde Pública e Anatomia Patológica, Citológica e Tanatológica”, assegurando a aquisição e o desenvolvimento de capacidades e competências próprias.

Ao longo dos anos de formação, os licenciados serão capacitados nas áreas de competência, com maior polivalência e expressão no âmbito das duas profissões, tais como Bioquímica Clínico-laboratorial, Hematologia Clínico-laboratorial, Microbiologia Clínico-laboratorial, Saúde Pública, Imunohemoterapia Clínica-laboratorial, Citopatologia, Histotecnologia, Tanatologia Clínica e Forense, Tecnologias Imunohistoquímicas e Patologia Molecular e Genética.

Alicerçado num modelo de ensino teórico-prático, este curso prevê, também, a realização de estágios, que decorrem durante todo o último ano de curso, consolidando, assim, os conhecimentos e as competências profissionais.

Os licenciados em Ciências Biomédicas Laboratoriais ficam habilitados a atuar nos campos do rastreio e prevenção, prognóstico e diagnóstico, terapêutica e monitorização da doença, usufruindo de uma forte inserção no mercado de trabalho, nacional e internacional.

Relativamente a saídas profissionais, qualquer licenciado deste curso poderá exercer funções em unidades hospitalares, laboratórios, centros de saúde e diagnóstico, centros de investigação, laboratórios de investigação, empresas de diagnóstico e equipamento especializado, e têm, também, a oportunidade de seguir a vertente de ensino e investigação em instituições de Ensino Superior.

UMA PROFISSÃO PARA CURIOSOS

Desde pequeno que sonha poder singrar no mundo da ciência, mas foi através da sua tia Elisabete e dos passeios organizados pela Liga para a Proteção da Natureza do Algarve (LPN-Algarve) que **ANDRÉ SOARES** se apaixonou pela Biologia.

Natural de Faro, André é licenciado em Biologia pela Universidade do Algarve e, neste momento, frequenta o mestrado em Biologia Molecular e Microbiana nesta instituição.

Além de ser a universidade da sua região, André explicou-nos que escolheu a UAlg para concretizar o seu sonho por três motivos: primeiro pela sua localização privilegiada “na região por excelência para o estudo da Biologia”; depois porque considera que “é uma instituição em constante crescimento a vários níveis”; e, por último, porque acredita que “os centros de investigação da área da Biologia nesta Universidade têm visibilidade internacional e são extremamente dinâmicos”.

O biólogo crê que na sua profissão se pode “fazer tudo o que esteja ao alcance da curiosidade” e considera que “a versatilidade de uma formação em Biologia permite que, por todo o mundo, biólogos estudem diversas ciências aplicadas”.

Sempre ligado a diversas atividades, André Soares foi, no segundo ano de licenciatura, presidente do Núcleo de Estudantes de Biologia da Universidade do Algarve (NEBUA), experiência que diz ter sido útil para “complementação da formação encontrada na licenciatura”. Durante os seus dois anos de mandato, teve a oportunidade de “conhecer imensos investigadores e estabelecer relações próximas com professores”, o que se revelou uma mais-valia para desenvolver as suas capacidades organizativas e de trabalho, necessárias para elaborar uma tese de mestrado.

Enquanto presidente, foi também responsável pela organização do Encontro Nacional de Estudantes de Biologia que, com uma taxa de adesão crescente a cada nova edição, permite aos alunos o acesso a palestras com oradores de renome e apresenta-se como fundamental para criar novos conhecimentos entre futuros colegas de profissão.

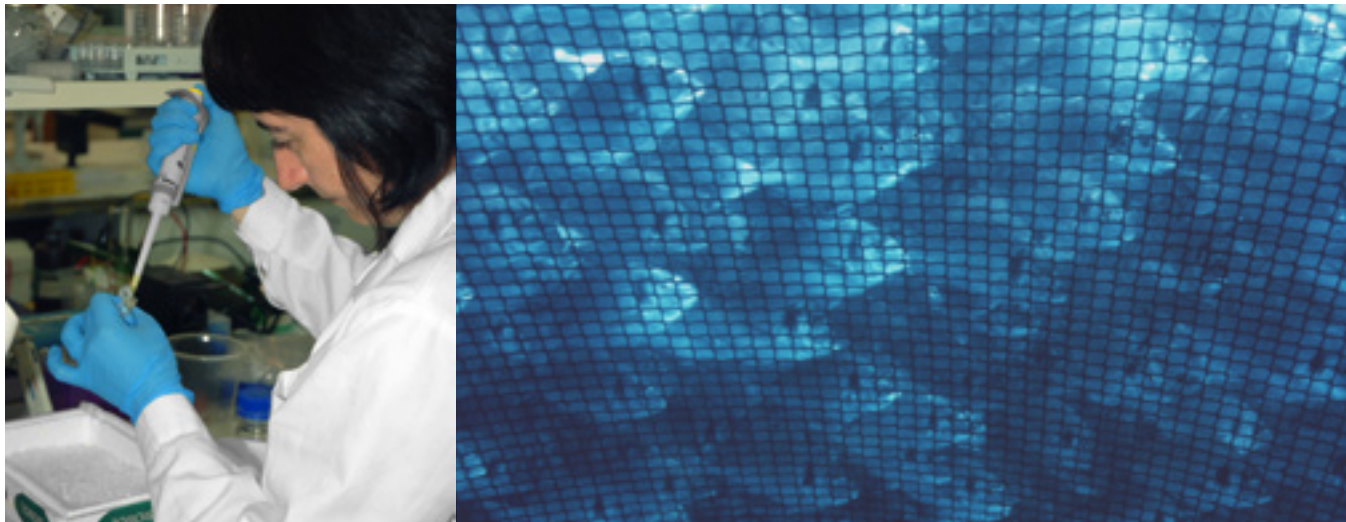
Para além de aluno e presidente do núcleo de estudantes, André Soares foi voluntário, durante a sua licenciatura, em alguns laboratórios e, enquanto mestrando, participou num estágio profissional de três meses, através do programa de mobilidade Erasmus, na Universidade de Sütçü İmam, na Turquia. Já no ano passado, o biólogo foi acolhido por um laboratório na Universidade dos Açores, na ilha Terceira, onde investigou os microorganismos de ambientes extremos, como furnas de enxofre e grutas vulcânicas.

Apaixonado pelo estudo das cavernas e membro da Associação Geonauta desde 2010, André finalizou o curso de espeleologia nível três em fevereiro de 2015, organizado pela Federação Portuguesa de Espeleologia. Da união das suas duas paixões, a biologia e a espeleologia, realizou um projeto sobre a exploração das comunidades microbianas de sedimentos de grutas calcárias no Algarve, pelo qual ganhou uma bolsa Vehslage, atribuída pela associação norte-americana, National Speleological Foundation.

Pró-ativo e sempre com a vontade de, um dia, ser um cientista de renome, André Soares está a desenvolver a sua tese de mestrado sobre “comunidades procarióticas que ocorrem em simbiose com esponjas marinhas por meios bioinformáticos” e divide o seu tempo livre entre a espeleologia no maciço calcário algarvio e a sensibilização das comunidades locais e dos estudantes para as cavidades que são exploradas, em contexto de trabalho, pela associação a que pertence. Não lhe perguntámos, mas pelo amor e orgulho com que André fala sobre a ciência em geral e a biologia em particular, de certeza que concorda com a famosa frase do filósofo Sócrates: “A vida sem ciência é uma espécie de morte.”



O “BICHINHO” DA BIOLOGIA MARINHA



Entrou para o curso de Biologia Marinha e Pescas (curso substituído pela atual licenciatura em Biologia Marinha), em 1992 e terminou em 1997. Hoje, volvidos quase 20 anos, regressa à UAlg como docente. Este regresso “foi interessante e ao mesmo tempo assustador”, reconhece **ELSA CABRITA**. Natural do Barreiro, na altura estava indecisa entre a Biologia Vegetal Aplicada, em Lisboa, e a Biologia Marinha, no Algarve. Hoje não se arrepende da decisão que tomou ao ter entrado num dos cursos que está ligado à origem da UAlg, e que já fez 30 anos, sendo considerado por muitos como uma referência. Recorda esses tempos com muita satisfação. “Não sendo do Algarve, estava fora de casa e essa liberdade para alguém com 18 anos é uma alegria. Éramos vários nessa situação, já que a maior parte dos colegas com quem tínhamos contacto vinha de fora. Também eram tempos duros quando a saudade de casa apertava. Acho que todos gostávamos tanto de viver no Algarve que durante uns tempos a maior parte ficava por cá, mesmo depois de acabar o curso. O Algarve tem muitas coisas boas.”

No último ano da licenciatura tinha que fazer um estágio obrigatório e queria trabalhar em criopreservação de sêmen de peixes fora de Portugal. Tentou vários países (Noruega, UK, Chile, entre outros). Na altura não havia *emails* para os alunos, recorda, e então enviou vários faxes. Foi parar à Universidade de León, em Espanha, onde acabou por fazer, posteriormente, o doutoramento com uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Na altura já trabalhava no que faz atualmente, mas em espécies de água doce (salmonídeos). “No entanto, o bichinho dos peixes marinhos continuava dentro de mim e, por essa e outras razões, voltei para a UAlg para fazer um pós-doutoramento (pos-doc), também financiado pela

FCT. Como não queria perder os laços com Espanha, o meu segundo pos-doc foi entre a Universidade de León, o Instituto de Ciências Marinhas de Andaluzia, pertencente ao Conselho Superior de Investigações Científicas e a Universidade do Algarve. Passava um tempo em Espanha e outro na UAlg, dependendo das experiências a realizar.” Também trabalhou no Instituto de Ciências Marinhas de Andaluzia, desta vez a tempo inteiro. Entretanto concorreu ao lugar de professor auxiliar na UAlg e a uma bolsa de investigação Marie Curie para o Centro de Ciências do Mar (CCMAR). Acabou por ganhar os dois e teve que optar. Optou pela docência e não se arrepende. “Embora exija muito tempo e nos deixe pouco tempo para investigar, conseguimos de algum modo contornar essa situação. O contrário é mais difícil. O contacto com os alunos e a possibilidade de lhes contar aquilo que fazemos é bastante cativante.”

Acredita que o curso de Biologia Marinha foi determinante na sua vida profissional, pois se tivesse ficado em Lisboa, hoje, provavelmente, trabalharia com plantas. “Tive vários professores que me motivaram durante o curso e que acabaram por ditar parte do percurso que segui.”

Como antiga aluna e agora professora, considera que o mar continua a ser uma aposta certa e espera que com o novo quadro comunitário ainda seja mais valorizado, quer a aquacultura, quer outras áreas como: bioprospeção marinha, ecotoxicologia marinha, alterações climáticas ou conservação e gestão dos habitats marinhos.

“São diferentes áreas, todas elas relacionadas com o mar. Portugal tem uma extensa costa e o Algarve tem um grande potencial para atividades relacionadas com o Mar que não envolvam só o turismo.”

Elsa também faz investigação na área da Aquacultura. Trabalha em áreas relacionadas com a reprodução de peixes. Entre outras coisas, ela e o seu grupo utilizam uma técnica que é a criopreservação para conservar células germinais (sêmen e outras células da linha germinal) de espécies com interesse para a Aquacultura e para a conservação. Neste momento tem alguns projetos e contratos com empresas para reproduzir artificialmente linguados G1s (nascidos em cativeiro), que não desovam de forma espontânea e que, por essa razão, têm que ser induzidos hormonalmente. “Como sempre gostei de procurar novos horizontes, iniciámos também outro projeto em colaboração com o Instituto Português do Mar e da Atmosfera na criopreservação de larvas e sêmen da ostra portuguesa, com um fim mais conservacionista, mas que no futuro nunca se sabe!” Voltou para a UAlg há cerca de um ano e meio, por isso, ainda não pôde fazer muito, mas já tem uma equipa a trabalhar consigo, integrada no grupo de Aquacultura do CCMAR.

Gosta daquilo que faz porque se não gostasse, já faria outra coisa. O curso foi sem dúvida uma mais-valia. “Fazíamos sempre a diferença com os restantes colegas nas áreas das ciências biológicas.”

Elsa Cabrita diz-se uma pessoa determinada, os que privam com ela consideram-na “um pouco acelerada”. Nos tempos livres gosta de viajar e conhecer sítios novos, de preferência tendo o mar como pano de fundo, ou não fosse ela bióloga marinha!



A conversa com **RUI GRAVE** começou à mesa, a beber um café, numa sala acolhedora e com um verde que parecia não ter fim a entrar pela janela. Aos poucos fomos encontrando uma pessoa simpática e extrovertida. O diálogo começou a fluir naturalmente, contou-nos um pouco da sua história. Relembrou o seu percurso enquanto aluno de Engenharia Agronómica (curso substituído pela atual licenciatura em Agronomia) e os tempos de estudante na Universidade do Algarve. Já não se lembrava ao certo quando tinha terminado o curso, mas isso também pouco importava, sabia, isso sim, que tinha sido fulcral na sua vida.

Com o sol a fazer jus ao clima do Algarve, sentia-se um cheiro característico, que parecia emanar uma mistura de mar com primavera, vários turistas faziam-se passear com roupas reduzidas, como se estivéssemos em pleno estio. Descemos à terra e voltámos a centra-nos na nossa conversa: estávamos em Vilamoura, o ponto mais turístico do Algarve, com o greenkeeper do Oceânico Victória, o campo de golfe português onde se realiza a maior prova nacional do European Tour – Portugal Masters. Rui começou por nos falar do seu percurso e explicou-nos como é que chegou até aqui. Ainda durante o curso, começou a trabalhar nos cinco campos de golfe de Vilamoura: Oceânico Old Course, Oceânico Pinhal, Oceânico Millennium, Oceânico Laguna e, mais recentemente, no Oceânico Victória (anfitrião do Portugal Masters desde 2007). Entrou como assistente do diretor de manutenção, a condizer com a cor dos campos de golfe, verde, cheio de teoria e com muita vontade de colocá-la em prática. Foi ficando durante seis anos e, “felizmente, durante esse tempo foram-me dadas todas as condições para errar”.

Tudo aquilo que faz gosta de levar a sério, não gosta de perder, nem a feijões. Fazendo lembrar a fadista Marisa, Rui Grave sabe que “o tempo não para, que o tempo é coisa rara”, por isso dá muito valor ao tempo. É persistente. Considera que trabalhar na área do golfe exige muita persistência, dedicação e responsabilidade. Valoriza o trabalho em equipa, realçando que um greenkeeper tem que ser muito humano porque, muitas vezes, tem de ser a ponte entre a administração e o operador.

GREENKEEPER POR PAIXÃO

“Temos que entender que todos têm uma função, o que por vezes não é fácil!”

Não é algarvio, veio de Carcavelos para a Universidade do Algarve. Pode dizer-se que “foi um acidente de percurso” porque, a primeira vez que concorreu ao ensino superior, só tinha escolhido Medicina Veterinária. Não foi colocado e resolveu cumprir o serviço militar. Concorreu e fez um ano de academia militar, mas cedo percebeu que aquele não era o seu sonho de vida. Voltou a concorrer ao ensino superior e, desta vez, a sorte ditou-lhe a UAlg.

Atento às mudanças da sociedade e, consequentemente, às do país, entrou na Universidade do Algarve na altura em que se deu o “boom” dos campos de golfe e em que a agricultura começou a decair. Recordando o ensinamento da mãe, “a liberdade vem com a responsabilidade”, sabia que tinha cinco anos para acabar o curso, a partir daí estava por sua conta. Mas, mesmo assim, viveu tudo intensamente: “as praxes, a associação académica, a comissão de praxe, as aulas, a comissão de curso, em tudo o que fosse preciso apoiar a Universidade, eu estava lá.” Esta entrega a cem por cento é uma característica da sua personalidade forte. Depois de acabar o curso, fez logo parte da direção da Associação Portuguesa de Greenkeepers, onde esteve durante dez anos, tendo saído recentemente.

Na sua opinião, os cursos superiores continuam a ser muito importantes porque “aumentam muito mais os nossos limites de evolução”. Defende que são um bom investimento, mas também sabe que “não basta uma licenciatura para se ter emprego. Temos que nos esforçar e trabalhar muito, mas um licenciado está melhor preparado para conseguir travar essa <luta>”.

Quando lhe perguntámos se gosta daquilo que faz, brindou-nos com um brilhinho nos olhos, respondendo que “todas as segundas-feiras vai trabalhar com gosto”. Assume que “quando decide virar à esquerda, não olha para o caminho da direita”. Profissionalmente, é feliz!

Não poderíamos findar a nossa conversa com o greenkeeper do campo de golfe que recebe a prestigiada prova European Tour – Portugal Masters sem percebermos como são os “bastidores” e os dias que antecedem esta prova, que traz ao Algarve estrelas de golfe de todo o mundo. Este campo tem “condições fabulosas” para receber a prova. Mas o que são “condições fabulosas”?

Ao contrário do que se possa pensar, a qualidade do campo não é nunca o requisito prioritário. São vários fatores conciliados, o número de voos que o aeroporto consegue receber, o número de hotéis de quatro e de cinco estrelas, entre muitos outros. Toda esta logística é fundamental. “Em relação ao campo, todo o nosso planeamento ao longo do ano (nutrição, regas, drenagens, doenças...) é feito a pensar na prova, para que nessa semana existam as melhores condições de jogabilidade e a melhor imagem visual possível.” Rui explica-nos que “todas as áreas que envolvem a qualidade do campo são conjugadas ao pormenor, para que tudo resulte na perfeição e o campo fique esplendoroso”. Coordena uma equipa de 17 funcionários, mas nos 15 dias que antecedem a prova chegam a ser 40 pessoas. Nessa altura não têm horários, podem entrar às quatro da manhã e sair às dez da noite. Pedem sempre ao S. Pedro para que não chova, pois o clima é o principal aliado, mas Rui sabe que quem trabalha na natureza nunca consegue ter o controlo total nas suas mãos. Considera que é primordial valorizar o trabalho em equipa, cada elemento assume uma importância acrescida porque são uma cadeia, e, se algum falha, compromete todos os outros. É muito importante ter sempre um plano B, C ou D...

Amante da natureza, “um homem do campo” como o próprio refere, elege como principal prioridade tudo o que diz respeito aos filhos. É também um desportista e ainda lhe sobra tempo para fazer surf, correr, nadar e jogar futebol, mas o golfe é a sua última paixão!

Continua a manter ligação com a sua Universidade, quer através dos estagiários que recebe, quer com o corpo docente, quer com os colegas que se encontram no mercado de trabalho. “As pessoas é que fazem a casa, por isso, sinto muito orgulho em ter tirado o curso de Engenharia Agronómica, atualmente Agronomia, na Universidade do Algarve!”

Terminámos como iniciámos, perdidos no verde que parecia não ter fim e que no início da nossa conversa nos entrava pela janela. Agora, em pleno campo de golfe, envolvidos por greens, tees e o silêncio do espaço, só rompido pelo som das tacadas de um grupo de golfistas que nos observavam com um olhar reprovador. Afinal, já dizem os conceitos gerais de etiqueta no golfe, “uma bola batida por qualquer jogador, por melhor que ele seja, pode tomar uma trajetória imprevisível”. Na verdade, estávamos ali a mais, não éramos golfistas, e na quietude de um campo de golfe, qualquer ruído intenso pode prejudicar a perfeição de uma tacada!



QUANDO A TEORIA SE TRANSFORMA EM PRÁTICA...



Com a bênção do sempre radioso sol algarvio, encontrámo-nos com **JOSÉ FURTADO**, no sítio do Rio Seco, perto de Faro, onde se localizam os cinco hectares de uma plantação de abacates, pela qual é responsável.

Rodeado de abacateiros, José recebeu-nos com simpatia e a conversa foi fluída.

Nascido e criado numa família de citricultores, em Albufeira, José Furtado está a terminar a licenciatura em Agronomia na Universidade do Algarve e concilia os estudos com a produção de abacates.

Após terminar o 12º ano, o futuro agrónomo resolveu ingressar na UAAl no curso de especialização tecnológica (CET) em Instalação e Manutenção de Espaços Verdes e, devido à sua forte ligação com a agricultura e ao seu gosto em aprender, prosseguiu os estudos na área agronómica.

A oportunidade de trabalhar na área da fruticultura surgiu por parte de um empresário e ex-aluno da UAAl, que procurava um aluno que pretendesse adquirir novos conhecimentos na área e completar a sua formação, através de experiência profissional.

Nunca tinha trabalhado com abacateiros, mas, sendo responsável e curioso, como o próprio se define, a proposta não podia ter sido melhor e José aceitou de imediato o desafio.

Conciliar os estudos com o trabalho não é problema para o jovem: de manhã cuida da plantação e, à tarde, concentra-se nos livros, pois, tal como o próprio nos confidenciou, foram-lhe dadas todas as “condições para poder estudar” nas infraestruturas que apoiam a plantação.

Não é muito usual produzir-se abacates no Algarve, mas José explicou-nos que o abacate é um fruto que se adapta facilmente às condições climáticas da região algarvia e que a parceria com uma associação de produtores espanhola ajuda no escoamento do produto.

Foi com orgulho evidente que José nos falou do curso que frequenta e dos conhecimentos que adquiriu durante os últimos três anos. O futuro agrónomo garantiu que tanto os docentes, como os próprios colegas o têm incentivado a obter novas experiências extracurriculares, “para consolidar os conhecimentos teóricos”.

José acredita que “os jovens estão a voltar à «terra», aproveitando as ajudas comunitárias dos programas de desenvolvimento rural” e que Agronomia é “um curso com futuro, porque tem muitas saídas profissionais”.

A um pequeno passo de completar a licenciatura, o jovem agricultor, que até já dá conselhos ao pai, um citricultor com experiência, revela-se feliz por conseguir aplicar os conhecimentos teóricos que lhe foram transmitidos ao longo dos últimos três anos.

Só em janeiro de 2016 é que José poderá ver o resultado do seu trabalho, até lá continuará dividido entre o estudo e os abacates, sempre com o desejo de seguir o mestrado em Hortofruticultura e, um dia, criar o seu próprio projeto.

A SIMBIOSE ENTRE A ARTE E A NATUREZA

Teve o primeiro contacto com a Universidade do Algarve ainda durante o ensino secundário, quando visitou a UAlg no Dia Aberto, e foi nesse momento que **LÚRI CHAGAS** soube que queria estudar nesta instituição.

Ligado à área artística e à natureza, e tendo um gosto particular pela arquitetura, achou que o curso de licenciatura em Arquitetura Paisagista era a “perfeita simbiose entre essas duas disciplinas”, acabando por ingressar no mesmo.

Recorda que os anos que passou na UAlg foram “bons tempos”, onde fez vários amigos com quem ainda hoje mantém contacto.

No último ano de licenciatura, em 2008, Lúri realizou um estágio curricular, durante seis meses, na Câmara Municipal de Almodôvar, onde lhe foi dada a responsabilidade de efetuar um projeto de arquitetura paisagista para o parque municipal de feiras da vila. Mais tarde, com a experiência adquirida ao longo do curso, especialmente no estágio curricular, iniciou a sua atividade como *freelancer*, onde teve a oportunidade de desenvolver uma colaboração estratégica com a empresa Jardimgarve, na elaboração de projetos de jardins residenciais para o setor privado.

Em 2009, Lúri Chagas foi convidado para realizar um projeto na empresa Multigolfe/Eurojardim, onde, após realizar o seu estágio profissional de um ano, exerceu funções tais como a elaboração de projetos de arquitetura paisagista, a elaboração de orçamentos e o acompanhamento e aprovisionamento de obras. O arquiteto garante que esta experiência lhe deu “a possibilidade de realizar uma quantidade significativa de projetos, acompanhando o processo de conceção que está inerente à arquitetura paisagista”.



Lúri venceu o Prémio Jovem Arquiteto Paisagista, em 2011, com um projeto que teve como inspiração os elementos que caracterizam o barrocal algarvio, do qual surgiu uma proposta para a criação do Parque Ribeirinho de Santa Bárbara de Nexe. Acredita que essa distinção trouxe “reconhecimento e mérito” ao trabalho que tem vindo a desenvolver, dando-lhe, também, a oportunidade de visitar o congresso internacional de arquitetura paisagista, em Zurique, na Suíça, o que “se revelou ser uma experiência particularmente enriquecedora”.

Já em 2013, é-lhe proposto um novo desafio: integrar a equipa da empresa Jardimgarve, a primeira empresa com quem colaborou logo após ter terminado o curso e onde, atualmente, continua a exercer funções de Arquiteto Paisagista.

No seu quotidiano profissional, elabora projetos e orçamentos, acompanha obras, vende plantas ornamentais e de paisagem, e garante sentir-se “bastante realizado”. Os conhecimentos que adquiriu na licenciatura estão a ser-lhe úteis no exercício da sua profissão.

Durante o seu tempo livre, Lúri gosta de praticar BTT, viajar, tocar guitarra e, claro, desenhar, não fosse ele um verdadeiro arquiteto.

TeSP

CURSOS TÉCNICOS SUPERIORES PROFISSIONAIS

2015/2017*

Os Cursos Técnicos Superiores Profissionais (TeSP) têm a duração de quatro semestres letivos e 120 créditos e conferem ao aluno um diploma de técnico superior profissional equivalente ao nível 5 do Quadro Nacional de Qualificação.

O que são?

Os Cursos Técnicos Superiores Profissionais (TeSP) são formações pós-secundárias não superiores que conferem qualificação profissional de nível 5 do Quadro Europeu de Qualificações para a Aprendizagem ao Longo da Vida.

Estes cursos têm a duração de quatro semestres letivos e 120 créditos.

O que conferem?

Diploma de técnico superior profissional.

Acesso ao Ensino Superior através de concurso especial.

Creditação da formação para prosseguimento de estudos, segundo o sistema europeu de transferência e acumulação de créditos (ECTS).

A quem se destinam?

Aos titulares de um curso de ensino secundário ou de habilitação legalmente equivalente;

Aqueles que, tendo obtido aprovação em todas as disciplinas dos 10.º e 11.º anos do ensino secundário, ou de habilitação legalmente equivalente, e não tendo concluído o curso de ensino secundário, sejam considerados aptos através de prova de avaliação de capacidade a realizar pela UALg;

Aos que tenham sido aprovados nas provas especialmente adequadas destinadas a avaliar a capacidade para a frequência do ensino superior dos maiores de 23 anos;

Aos titulares de um diploma de especialização tecnológica, de um diploma de técnico superior profissional ou de um grau ou diploma de Ensino Superior, que pretendam a sua requalificação profissional.

Apoio à pessoa idosa
(ESS)

Contabilidade
(ESGHT)

Energias Renováveis
(ISE)

Gestão de Animação Turística
(ESGHT)

Inovação e Qualidade Alimentar
(ISE)

Instalações Elétricas, Domótica e Automação
(ISE)

Manutenção e Reabilitação de Edifícios e Infraestruturas
(ISE)

Refrigeração e Climatização
(ISE)

Secretariado Executivo e Tecnológico
(ESGHT)

Segurança e Higiene Alimentar
(ISE)

Sistema de Informação Geográfica
(ISE)

Sistemas e Tecnologias de Informação
(ISE /ESGHT)

Tecnologia e Manutenção Automóvel
(ISE)

Tecnologias de Informação Urbanística e Arquitetónica
(ISE)

Telecomunicações e Redes
(ISE)

ESGHT – Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo
diretoresght@ualg.pt tel: 289 800 136

ESS – Escola Superior de Saúde
essualg@ualg.pt tel: 289 800 100 (ext. 8305)

ISE – Instituto Superior de Engenharia
ise@ualg.pt tel. 289 800 124



TRATAR A ÁGUA QUE BEBEMOS

RUI SANCHO é um algarvio que se licenciou em Engenharia Biotecnológica (curso substituído pela atual licenciatura em Biotecnologia). Terminou esta formação em 1999, mas sabe que está a ser fundamental no seu percurso profissional. Por ser um curso de banda larga, na altura “era ministrado um conjunto muito diversificado de áreas de engenharia que nos permitiam adaptar facilmente a qualquer contexto técnico nesta vertente”.

Sabe que o que aprendeu na Universidade lhe está a ser extremamente útil e lamenta não ter guardado alguns dos seus apontamentos porque, ainda hoje, lhe permitiriam rever conceitos fundamentais de algumas áreas que domina menos bem. “Sim, a internet ajuda, mas é mais fácil consultar «as gavetas» que conhecemos!”

Após terminar o curso, ingressou na empresa Águas do Algarve, em 2000, onde permanece até hoje. “Coordeno as atividades de um excelente conjunto de pessoas e de técnicos, no departamento de operações da água da região do barlavento, que são responsáveis pelo tratamento e pela adução de água tratada até chegar aos vários municípios da região.” Paralelamente, desempenha funções associadas ao plano de segurança da água da Águas do Algarve, SA, que avalia e gere de forma contínua os riscos associados ao fornecimento de água não segura, que embora seja potável, de acordo com a legislação, não é aconselhável para o consumo humano. Lembra que foi admitido na empresa num momento de crescimento e de oportunidades, onde os pequenos projetos que foi apresentando foram sendo diferidos, o que lhe permitiu evoluir profissionalmente e seguir as áreas que mais o satisfaziam. “Pelo caminho, fiz um MBA na UAlg”, refere.

Acha que continua a ser importante tirar um curso superior devido ao conjunto de técnicas e ferramentas que se aprendem e desenvolvem durante esse período. “Estas técnicas e ferramentas, salvo raras exceções, não são adquiridas noutros locais ou com outras experiências profissionais.”

Em 2015 o curso de licenciatura em Bioquímica completa 22 anos de funcionamento continuado. Ao longo deste extenso período de tempo de afirmação, foram sendo criadas as condições de transmissão e criação de saberes bioquímicos, pelo que se poderá afirmar que os desenvolvimentos ao longo do tempo, assim como os resultados da formação, lhe conferem consistência e reconhecimento.

Uma parte significativa dos alunos licenciados em Bioquímica seguiu para estudos de pós graduação (bolseiros de investigação, técnicos de laboratório, estudantes de mestrado e doutoramento) e encontram-se presentemente a desenvolver a sua atividade em instituições de ensino superior, institutos de investigação, assim como em empresas de cariz técnico e científico, tanto em Portugal como no estrangeiro. Estes bioquímicos têm tido um impacto significativo em atividades profissionais tão diversas como: técnicos superiores de saúde; análises clínicas, químicas e microbiológicas; ensino secundário; investigação; empresários; empresas farmacêuticas (produção, vendas e informação médica) e em companhias dedicadas a outras atividades económicas. O curso de Bioquímica cumpriu igualmente um desígnio fulcral nas atividades de investigação e desenvolvimento: a promoção da formação avançada de estudantes. As atividades de pesquisa e o treino laboratorial desenvolvidos pelos alunos de Bioquímica permitiram a conclusão de diversas teses de doutoramento, mestrado e estágios de licenciatura.

No âmbito das atividades desenvolvidas na Instituição, com ligação ao curso de licenciatura em Bioquímica têm sido desenvolvidos diversos projetos de investigação. A título de exemplo, pode referir-se um projeto de investigação financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) recentemente concluído que permitiu precisar as propriedades de polaridade de bicamadas lipídicas. As bicamadas lipídicas são as estruturas moleculares que organizam as membranas biológicas, que por sua vez envolvem todas as células, determinando as suas formas e o seu funcionamento. Ou seja, em vez de se considerar que o interior das membranas biológicas é como uma gota de parafina líquida (apolar), dever-se-á examinar esta estrutura como sendo uma mistura molecular mais relacionada com um álcool (polar). Estes desenvolvimentos na área da Bioquímica Física são muito importantes para o desenvolvimento dos conhecimentos basilares na área da Bioquímica das membranas biológicas, mas também deverá ter impactos positivos em Biomedicina, nomeadamente na área emergente de Terapias Membranares envolvidas em patologias diversas, como cancro, alzheimer e aterosclerose.



CURSOS DE VERÃO

UNIVERSIDADE
DO ALGARVE

Cursos Temáticos
Atividades desportivas
Alojamento

www.ualg.pt
cursosdeverao@ualg.pt

TRANSFORMAR PROBLEMAS EM SOLUÇÕES



Tinha pensado escolher Engenharia Civil mas, diz entre risos, que o pai, por ser dessa área, sempre lhe disse que “isso não era ambiente para uma mulher”. Gostava de matemática e de problemas, mas não queria um curso de Matemática pura, pelo que resolveu estudar Economia. “Como existia uma boa Universidade perto de casa não houve necessidade de ir para Lisboa estudar.” Foi a sua primeira opção e não se arrepende, pois não limitou em nada a vida profissional de **LUÍSA SALAZAR D'EÇA**. Entrou na UAlg em 1994 e terminou o curso de Economia em 1998. “Não vou dizer que parece que foi ontem, mas estes 17 anos passaram a voar.”

Atualmente, trabalha na empresa Vale do Lobo, S.A., onde está desde 2003. Entrou como Diretora Adjunta Financeira e, cerca de seis meses depois, foi promovida a Diretora Financeira, tinha

apenas 28 anos. Hoje, devido a alguns ajustes internos, é Diretora Financeira e de Recursos Humanos. Pedimos-lhe que nos explicasse o que faz concretamente, ao que Luísa respondeu: “Resolvo problemas! Basicamente, é isto! Transformo problemas em soluções.” Coordena o Departamento Financeiro com as suas diferentes secções: Contabilidade, Assuntos Fiscais, Financeiro e Reporting. “Cada um vê as questões sobre o seu prisma e eu acabo por fazer a interligação entre todos.” Relativamente ao Departamento de Recursos Humanos, apoia nas diferentes decisões relacionadas com os colaboradores, discute soluções e ideias que surgem no dia a dia. No Departamento de Tecnologias de Informação e Comunicação, acompanha as decisões de investimento, alterações de processos e

implementações de novos programas. “Grande parte das minhas funções reside em ter reuniões, especialmente internas. Oiço as diferentes áreas da empresa e tento encontrar mecanismos para pôr as «coisas» em prática.” Entre muitas outras funções, Luísa Salazar d' Eça também participa nas reuniões mensais da Administração e nos diferentes grupos de trabalho internos para resolver questões práticas do dia a dia.

Antes de terminar a licenciatura em Economia já tinha trabalhado como Consultora Fiscal Júnior. Considera que essa experiência foi muito gratificante porque lhe permitiu aprender muito e conhecer muitas pessoas diferentes que ainda hoje, direta ou indiretamente, estão relacionadas com a sua vida profissional. Também trabalhou num gabinete de contabilidade e numa empresa de auditoria, mas admite que gostava de ter tido uma experiência noutro país.

Hoje reconhece que uma licenciatura abre horizontes e dá as ferramentas mais importantes para resolver as questões do quotidiano. “Várias disciplinas continuam a ser muito importantes e utilizo-as numa base diária.”

Recorda com saudade os jantares de turma e os arraiais na Penha... a viagem de finalistas e os stresses dos trabalhos de grupo. O seu grupo de trabalho. Além das boas recordações, também ficaram amizades que se mantêm até hoje.

Profissionalmente multifacetada, Luísa também é determinada e não descarta o seu bem-estar, normalmente o seu dia começa logo às seis horas da manhã, com exercício físico, ou não fosse a disciplina a parte mais importante do sucesso!

Adora viajar e conhecer novas culturas. Gosta muito de ler, passear e estar com a família, que é uma grande “mistura” entre portugueses, ingleses e cabo-verdianos. Tal qual profissional de sucesso, Luísa gosta de trabalhar numa grande organização, de contactar com pessoas, ouvir os seus pontos de vista, e gosta de resolver problemas. “Se forem difíceis, ainda melhor!”

A economista sente-se muito grata por tido esta oportunidade na sua vida profissional. Gosta da empresa e dos colegas, que, na sua opinião, em muito têm contribuído para a pessoa que é hoje e para a experiência que tem. Talvez seja por isso que Luísa Salazar d' Eça é uma líder, e uma boa liderança é uma poderosa combinação de estratégia e caráter.



GERIR E INOVAR EM CABO VERDE

Deixou Cabo Verde e rumou a Portugal para estudar Gestão de Empresas. A instituição escolhida foi a Universidade do Algarve e nela passou aqueles que afirma terem sido “os melhores anos” da sua vida. Falamos de **FRANTZ TAVARES**.

Disse-nos que guarda “recordações inolvidáveis” da UAlg, nomeadamente do relacionamento “entre os colegas, os docentes, a direção da faculdade e da Universidade”.

O gestor, que afirma que uma “licenciatura dá bases fundamentais para o desempenho de uma atividade profissional”, acredita que a sua passagem pelo curso de Gestão de Empresas foi “essencial” para o seu percurso.

Durante o seu percurso profissional, confessa já ter tido “a felicidade de conhecer vários profissionais formados na Universidade do Algarve que desempenham, com méritos reconhecidos, a sua atividade”.

No seu primeiro emprego, foi responsável administrativo e financeiro das Páginas Amarelas de Cabo Verde e, mais tarde, trabalhou no Banco Central do seu país de origem. Sempre com um espírito ambicioso, pró-ativo, equilibrado e empreendedor, Frantz é, hoje, proprietário de uma empresa de consultoria e gestão e Presidente da Agência para o Desenvolvimento Empresarial e Inovação de Cabo Verde.

Frantz é um caso de sucesso que fez da UAlg a sua casa durante a formação académica, mas é, também, um grande exemplo de como a diferença entre dois países é ultrapassada através da pátria que é a Língua Portuguesa.

GESTOR ESTRATÉGICO NUMA EMPRESA LÍDER MUNDIAL



Desde muito cedo que se interessou por assuntos económicos, mas o desporto também era uma paixão. Após várias lesões, **RÚBEN DUARTE** perdeu a esperança de poder ser jogador de ténis e percebeu que o seu futuro passaria por um curso superior em Gestão. No verão trabalhava na empresa da mãe, limpando casas e jardins, deu aulas de ténis e ajudou a montar um campo de férias para crianças. Todas estas atividades fizeram-no amadurecer muito cedo.

Ingressou na UAlg com 17 anos, vindo de Quarteira. “Posso dizer, sem qualquer dúvida, que os anos passados na UAlg foram os melhores da minha vida.” Licenciou-se em Gestão e pelo meio recebeu duas bolsas de mérito. “O facto de poder ganhar dinheiro a estudar foi realmente um conceito muito aliciante.” Sabe que cresceu muito a nível profissional e que desenvolveu várias competências que lhe permitiram estabelecer-se com sucesso no mercado de trabalho.

Em 2010 inscreveu-se num mestrado, não por sentir que lhe faltavam competências, mas por necessitar de abrir os horizontes profissionais. Com uma mente curiosa, Rubén tentou logo informar-se sobre as condições de estágios de verão no setor, mas cedo descobriu a enorme concorrência que enfrentava. “Verdadeiramente não estava preparado e no verão de 2011 fui rejeitado por seis consultoras de topo, incluindo a empresa onde trabalho atualmente.” Acabou por fazer um estágio na Central de Cervejas, onde conheceu uma equipa divertida, que o ensinou a lidar com o «fracasso». Porém, não desistiu e durante a sua tese fez um projeto de consultoria na Galp Energia, começando a pensar também em oportunidades internacionais. Este projeto preparou-o muito bem para as entrevistas de trabalho e acabou por ter que escolher entre três consultoras internacionais, todas com escritório em Lisboa, e uma incubadora de startups em Singapura.

Como sempre quis iniciar a carreira em consultoria e recebeu uma proposta da líder mundial do setor, a escolha foi óbvia. Em setembro de 2012 iniciou funções na McKinsey & Company, onde, desde então, tem vindo a trabalhar como consultor em diversos projetos, nacionais e internacionais. Já desenvolveu projetos em seis tipos de indústria

– Telecomunicações, Energia, Petróleo, Setor Público, Banca, Aviação e Operadores Logísticos – e enfrentou diferentes desafios, como reduzir a base de custos de uma empresa, preparar os relatórios da receita fiscal de um país, ajudando a definir o Orçamento de Estado, ou redefinir a estratégia de pricing de uma companhia aérea.

Rúben está ciente de que sem o curso de Gestão, na UAlg, não conseguia ter alcançado o que já alcançou e o que ainda espera alcançar. Refere que as competências adquiridas durante o curso foram cruciais, especialmente as adquiridas em disciplinas mais quantitativas, como a Contabilidade Analítica, a Estatística e a Análise Financeira e, ainda, as relacionadas com software informático. “Sem dúvida alguma posso dizer que a Universidade do Algarve me preparou muito bem para o mundo do trabalho.”

Embora tenha um estilo de vida duro, sabe que adora o seu trabalho e, mesmo que pudesse voltar atrás, escolheria novamente a McKinsey para trabalhar. Hoje sabe que o seu sucesso profissional se baseia muito no que aprendeu ao longo do seu percurso académico, onde o curso de Gestão teve um papel determinante. As disciplinas da licenciatura desenvolveram a sua velocidade de raciocínio, competência que aplica no seu dia a dia, sempre marcado por deadlines curtos e questões normalmente complexas.

Ao longo destes dois anos e meio, além de Portugal, trabalhou em Angola e também na Áustria.

O próximo passo profissional passa pelo Reino Unido, já que se inscreveu num programa de MBA da London Business School, onde pretende desenvolver as capacidades de liderança necessárias para alcançar uma posição de topo.

Adora fazer desporto, estar com os amigos e viajar. Nos últimos anos tem descoberto alguns países e espera continuar a aumentar essa lista já no próximo verão, com a visita a alguns países do leste da Europa. Além dos objetivos profissionais, atualmente está a preparar-se para a sua primeira meia-maratona. Durante o MBA, a maratona de Londres é a sua próxima meta, só ainda não sabe se terá um lugar no pódio!



O curso de licenciatura em Gestão Hoteleira (GH) vai sofrer alterações ao nível do plano curricular. Com esta mudança, coloca-se ao mesmo nível dos mais reputados cursos de GH a nível internacional, quer em termos de utilização de laboratórios, quer no peso que agora irá ter a área de hotelaria e restauração na estrutura curricular e no corpo docente.

Com o novo plano, a área operacional de hotelaria e restauração ganha um peso de cerca de um terço do curso, ficando este estruturado em três grandes áreas: hotelaria e restauração, gestão empresarial e línguas. O perfil deste curso já era forte na área suporte da atividade de gestão hoteleira e vê agora reforçada a área operacional de hotelaria e restauração.

Para acompanhar as alterações da estrutura curricular ao nível da hotelaria e restauração, o corpo docente tem a necessidade de se reforçar nesta área de formação, contratando, para isso, especialistas de bar, restaurante, cozinha, pastelaria, vinhos, gastronomia, alojamento e receção, necessários às novas unidades curriculares de hotelaria e restauração. Estas alterações curriculares requerem a utilização de laboratórios de hotelaria e restauração, uma espécie de hotel escola, que será providenciado por instalações adequadas existentes no seio da Universidade. Estas mudanças na licenciatura em Gestão Hoteleira são, deste modo, um desafio e uma oportunidade para a evolução, tanto ao nível interno, como externo, proporcionando aos estudantes mais valor.

Parece existir uma perceção na sociedade ou até entre os alunos, de que os cursos superiores são muito teóricos e pouco práticos. Contudo, a literatura especializada nas questões do ensino-aprendizagem deixa entender que esta perceção se aplica a toda a formação uma vez que qualquer atividade desta natureza implica sempre uma necessidade de transmissão de saberes condensados sob a forma de experiência e conhecimento de alguém, seja um formador, um professor ou um conferencista. O facto de esses conhecimentos serem transmitidos em locais e formatos distintos leva a que a perceção se reforce.

O curso de Gestão Hoteleira contará, assim, com novas unidades curriculares relacionadas com alojamento, receção, alimentação e bebidas. Com o novo plano curricular os estudantes vão abordar o mercado de trabalho com competências de gestão, experiência e conhecimentos ao nível das operações, o que sem dúvida corresponderá a um gestor hoteleiro de nível superior, com capacidades de intervenção e análise operacional, necessárias na atividade de gestão de uma unidade hoteleira atual. Em suma, os estudantes sairão para o mercado de trabalho melhor preparados e alinhados com as necessidades de mercado, com uma formação mais prática na componente operacional, mantendo a formação e competências ao nível da gestão das unidades. Conseguir-se, assim, dar resposta a necessidades do mercado de trabalho ao nível da gestão das operações, continuando a manter as saídas profissionais anteriores.

TRABALHAR PARA O INCOMING DO ALGARVE



Foi desde muito cedo que **NUNO PEREIRA** começou a trabalhar na área das viagens, principalmente no *Incoming*, mas, para “enriquecer a parte teórica e social”, resolveu experimentar a vida universitária e ingressou no curso de Turismo da Universidade do Algarve.

Persistente e paciente, Nuno gosta daquilo que faz e garante que “o curso é sempre uma mais-valia”. Atualmente, e depois de passar por vários cargos dentro da agência, é diretor da delegação de Faro do Grupo de Viagens Top Atlântico, onde dirige o *Incoming*, é responsável pela área de contratação para todas as empresas do grupo e é coordenador, para o Algarve, do operador Solférias.

Da sua experiência enquanto estudante universitário, Nuno recorda com saudade as “amizades criadas com colegas e professores”, que, ainda hoje, fazem parte do seu núcleo de amigos.

Apesar da sua vasta experiência na área, acredita que tudo o que aprendeu no curso lhe está a ser útil no seu contexto de trabalho.

Vê a evolução da licenciatura em Turismo “de uma forma positiva”, salientando, com agrado, que “se vai criando, cada vez mais, a consciência de lhe inculcar um cariz mais prático”.

Nuno não gosta apenas de proporcionar uma boa viagem aos seus clientes, também ele é amante de viagens e de golfe, atividades que pratica sempre que tem tempo livre. Embora já tenha tido a oportunidade de trabalhar fora do país, confessa: “gosto muito de Portugal”.



QUANDO A BICAMPEÃ MUNDIAL DE JET SKI SE TORNA MARKETEER

“Pessoalmente sou uma jovem feliz, muito ativa, dinâmica e desportista. Profissionalmente, não deixo de ser uma jovem e, portanto, tenho ainda muito para aprender, mas sou empenhada, organizada, persistente e responsável”, é assim que se auto define **STEFANIA BALZER**, natural de Bergamo, em Itália. “Os meus pais vieram trabalhar para Portugal e, por isso, eu vivi toda a minha vida no Algarve”.

Quando pensou ingressar no Ensino Superior, já tinha decidido que queria seguir a área de Marketing, só não sabia em que universidade. Entretanto, o curso abriu na UAlg e Stefania tinha outra grande paixão que a fazia manter-se perto de casa e do Algarve, o Jet Ski, modalidade que a levou a ser duas vezes campeã mundial. Apesar de ter feito essa opção, considera que a proximidade não deve ser um fator primordial na escolha da universidade. “Enquanto estudei na UAlg, vivi em Faro. Foi a minha primeira experiência longe de casa, o que, só por si, já foi marcante.” Conheceu muitas pessoas, fez novos amigos e aprendeu o que diz terem sido as bases para trabalhar na área do Marketing.

No final do curso de Marketing, optou por não fazer o estágio que lhe permitia terminar a licenciatura porque queria ter uma experiência internacional

e, assim, ficaria impossibilitada de continuar a sua atividade desportiva. Começou então a trabalhar no grupo Angel Pilot, criado pelo seu pai, em 1990, ligado à comercialização de motos de água. Coordenava a área de Marketing e aos poucos foi começando a conhecer bem o mercado e a gostar muito do seu trabalho. No entanto, não tinha terminado a licenciatura. Por isso, em 2012, quando ganhou o Campeonato Mundial, decidiu que iria abandonar a competição e começar a dedicar-se ao trabalho e às experiências que tinha vindo, ao longo do tempo, a deixar para trás em prol da competição. Regressou às origens, foi para Itália e arranjou um emprego de inverno, numa estância de ski. Esteve a trabalhar num hotel durante quatro meses, não na área de Marketing, mas sim no bar, e nos tempos livres foi tentando arranjar o tão sonhado estágio numa empresa náutica. Finalmente conseguiu estagiar numa empresa produtora de barcos, onde diz ter aprendido muito, o que lhe permitiu finalizar o curso. Depois do estágio, voltou para Portugal, retomou o seu trabalho, agora com ideias novas e uma visão diferente.

“O meu pai e toda a nossa família estiveram sempre ligados à competição de Jet Ski, o que nos permitiu desenvolver uma imagem reconhecida no setor, a nível nacional e até Europeu.” Com a evolução das necessidades do mercado, começaram também a dedicar-se à comercialização de embarcações, ao aluguer de barcos e motos e à animação turística. “O nosso negócio principal é sem dúvida a náutica

e, por isso, estamos a construir uma nova loja no complexo dos estaleiros navais de Portimão.”

Stefania coordena as atividades de Marketing da empresa. Preocupa-se diariamente em criar ou melhorar algo que irá levar mais valor ao cliente final. Adora o que faz, porque além do Marketing adora o mar e os desafios. O seu trabalho permite-lhe estar um dia no escritório e no dia seguinte a testar um barco ao ar livre. “É impossível alguém cansar-se de um trabalho assim.” Outro aspeto que aprecia muito é que se trata de um setor em que há ainda muito para fazer, o que lhe permite criar, melhorar e aprender todos os dias.

Com tanta agitação marítima, como é que uma campeã mundial conseguiu conciliar os estudos, os treinos e as competições? O segredo está na organização, no esforço e na definição de prioridades. Stefania tinha que se organizar muito bem, mas considera que isso é normal para todas as pessoas que estudam e trabalham ao mesmo tempo porque “as atividades são tantas e o tempo é tão pouco!” É uma felizarda porque o seu trabalho na área do Marketing está intimamente ligado à sua paixão pelo Jet Ski. “A competição permite ultrapassar os nossos limites físicos e psicológicos, permite enfrentar a derrota e celebrar a vitória. São sensações não muito fáceis de descrever, mas que nos marcam para toda a vida, até no nosso trabalho”, explica-nos. “O curso não nos ensina a trabalhar, mas ensina-nos o que vamos precisar no nosso trabalho.”

UM HOLOGRAMA QUE É RELAÇÕES PÚBLICAS

O relações públicas holográfico realista é um projeto desenvolvido em copromoção pela empresa SPIC Creative Solutions e pela Universidade do Algarve, tendo como ponto de partida os conhecimentos adquiridos na licenciatura em Engenharia Elétrica e Eletrônica.

Hoje em dia os mercados globais da comunicação são cada vez mais exigentes. A criatividade que existe nas empresas de design, publicidade e marketing, por si só, já não é suficiente, principalmente para as empresas que focam o mercado exterior. Atenta à evolução das tendências, a SPIC começou, desde há alguns anos, a orientar a sua atividade para os serviços relacionados com os novos meios de comunicação digitais. No âmbito das suas atividades de investigação na área das tecnologias de interação humana, detetou no mercado a apetência para aceder a experiências holográficas num diversificado segmento, com potencial de comercialização em mercados geográficos diferenciados.

A parceria com a Universidade do Algarve consiste na criação de um produto, que está dividido em dois módulos, intimamente ligados: PRHolo e o PRHolo360.

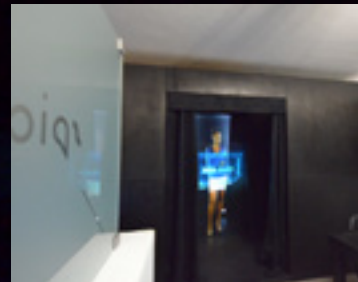
O PRHolo é uma estrutura em forma de “caixa”, contendo no seu interior uma personagem holográfica, que é visualizada num plano frontal, sugerindo no entanto volume. Assim, o produto desenvolvido consiste num holograma de um pessoa em tamanho real, que terá a função de rececionista ou relações públicas da empresa ou de um evento. Este holograma interagirá dinamicamente em funções de informação solicitadas pelo utilizador e do espaço físico onde está integrado, servindo de guia orientador e de fonte de informação.

No segundo módulo, ainda em desenvolvimento, o PRHolo360, os conteúdos disponibilizados são iguais, mas neste caso a projeção holográfica é feita sobre a forma “paralelepipedal/cilíndrica”, de modo a fornecer uma projeção holográfica em formato 360 graus, permitindo aos usuários visualizarem a personagem/cara/objeto de qualquer ângulo.

Os dois módulos estão equipados com sensores volumétricos para a interação e deteção dos movimentos dos usuários e ligação à internet, permitindo a interação por tablet ou smartphone.

Estes produtos vão ser comercializados de forma modular, podendo ser adquiridos em componentes autónomas, de forma a permitir a sua fácil montagem para as empresas interessadas.

O curso de Engenharia Elétrica e Eletrônica tem desenvolvido vários projetos relacionados com áreas como: novas tecnologias, gestão de energia e sistemas de informação.



O FASCÍNIO PELOS ALIMENTOS



Criativo, empreendedor e apaixonado pela família e pelas coisas simples da vida, **MAURO PORTELA** é licenciado pela Universidade do Algarve em Engenharia Alimentar (curso substituído pela atual licenciatura em Tecnologia e Segurança Alimentar) e, neste momento, exerce funções como Senior Internal Control Manager do grupo Danone, em Paris.

Candidatou-se à UAlg pelo reconhecido prestígio da instituição “em matéria de Ensino Superior, especialmente na área das engenharias” e pela proximidade do seu “suporte familiar”. Já a escolha do curso de Engenharia Alimentar teve como base o interesse pelo “conceito de ligar a engenharia ao ramo alimentar, nomeadamente aos processos e tecnologias de produção de alimentos.”

No início da sua carreira, o engenheiro alimentar foi bolseiro de investigação em diversos projetos, sendo um deles ligado às tecnologias de processamento de hortofrutícolas e outro à inovação na indústria do bacalhau, mas foi no ano de 2005 que o verdadeiro desafio começou: ingressou na Danone Portugal, ocupando, até 2012, os mais diversos cargos, desde Quality Manager, R&D Packaging, Operations Controlling Manager, até Internal Control Manager. Após sete anos a trabalhar na filial da Danone em Portugal, e devido a “uma certa exposição às estruturas centrais do grupo”, recebeu um convite para enveredar por uma carreira internacional e trabalhar na sede da Danone, em Paris.

Claramente adepto de desafios, Mauro aceitou o convite e, neste momento, é responsável por auxiliar as empresas do grupo Danone, espalhadas por mais de 60 países, a “implementarem mecanismos de controlo interno sobre os seus processos de negócios locais.”

Com esta responsabilidade acrescida, que considera “um grande desafio”, o engenheiro garante que, apesar de ser um ambiente muito exigente, como em qualquer outra multinacional de sucesso, é esse fator que faz com que os trabalhadores “cresçam enquanto indivíduos e enquanto profissionais.”

Apaixonado pelo que faz, Mauro afirma que gostava de voltar a trabalhar em Portugal e que, enquanto não chega o momento oportuno, já iniciou, em fevereiro deste ano, um projeto mais pessoal relacionado com o *Coworking*, que “denota bem como continuo a sentir as minhas raízes no Algarve.”

Com uma vida bastante agitada, Mauro aproveita os seus tempos livres para relaxar com a família, jogar o seu desporto de eleição, ténis, e ainda lhe resta algum tempo para se dedicar a atividades modernas como o *geocaching* e o *homebrewing*.

É com a palavra “saúde” que Mauro recorda os seus tempos de estudante na UAlg. Reconhecendo que foram “alguns dos melhores anos da sua vida”, onde conheceu pessoas fantásticas, nomeadamente a sua mulher que assume ser o seu “pilar”, Mauro garante: “Foi na UAlg que me formei enquanto homem e profissional”.

O MAIOR DATACENTER DO SUL



Computadores, informática, softwares, hardwares... estas são algumas das palavras que resumem a vida profissional de **BRUNO CARLOS**, licenciado em Engenharia de Sistemas e Computação, atualmente Engenharia Informática, pela Universidade do Algarve, e responsável pelo maior datacenter a sul do Tejo: o Claranet Soho, S.A.

Considera-se “um autodidata, curioso pela área informática e empreendedor”, características que o fizeram trabalhar arduamente para poder criar a sua própria empresa no Algarve. Desde cedo imaginou vários projetos e sempre idealizou poder implementá-los na região que o viu nascer. Tendo essa motivação, Bruno ingressou na UAlg, acreditando que esse seria o “sítio ideal para enriquecer” a sua formação. Já a escolha do curso foi feita com base nos seus interesses pessoais e na vontade de aprofundar os conhecimentos que, mais tarde, se revelariam úteis no exercício da sua profissão.

Embora o universo informático seja a sua área de eleição, acabou por descobrir que a gestão empresarial também faz parte do seu leque de interesses e, como resultado da vontade de querer fazer algo que o “realizasse a 100%”, surgiu a Flesk Telecom.pt, agora Claranet.pt.

Em novembro de 2014, a empresa de Bruno passou a fazer parte do grupo europeu Claranet, que está presente em Portugal desde 1995 e tem 15 funcionários a nível local, 100 em Portugal e 800 a nível europeu.

Com uma carteira de clientes multifacetada, como pequenas empresas, câmara municipais, escolas, empreendimentos turísticos e grandes empresas de diversas áreas, o maior datacenter a sul do Tejo aloja centenas de milhares de sites numa “infraestrutura moderna com equipamento redundante a nível de energia, fibras óticas e ar condicionado”, que funciona 24 horas por dia.

Após alguns anos de trabalho e sempre em constante evolução, a empresa de Bruno Carlos é, hoje, líder nacional da sua área de negócio.

Sempre com o intuito de dinamizar a sua região, Bruno associou a sua empresa a diversos programas de responsabilidade social direcionados a jovens universitários, como o programa de bolsas de excelência da UAlg, que premeia os melhores alunos que ingressam na Academia, a instituições sem fins lucrativos e a desempregados.

Admirador assumido do mais recente slogan da UAlg, “Estudar onde é bom viver”, Bruno acredita que “temos sorte de ter um clima fantástico, de estarmos inseridos numa cidade sem registos significativos de violência” e salienta, ainda, a variedade de cursos oferecidos pela UAlg, bem como o bom quadro docente que faz parte desta instituição.

Engenharia Civil

UMA ÁREA COM FUTURO



Nascido em Moura, distrito de Beja, **JOAQUIM VERMELHUDO** deixou para trás as planícies alentejanas e rumou ao Algarve em busca de um “ensino de qualidade, rodeado de um ambiente onde é bom viver”. Ingressou no curso de Engenharia Civil da UAlg e, hoje, é um profissional de sucesso ligado a diversos projetos de construção em Angola.

Optou pela UAlg por esta ser, na sua opinião, “uma instituição moderna e com um olhar no futuro”, que conjuga “um meio ambiente de tranquilidade com qualidade de vida”.

É com saudade que Joaquim relembra os tempos na Universidade. Recorda-se do ensino ser “direcionado para uma vertente de aplicação prática do conhecimento, estimulando a aprendizagem e a rápida adaptação ao mercado de trabalho”, mas também das “várias amizades criadas” e “do espírito de equipa” dentro do curso de Engenharia Civil.

Foi no último ano de licenciatura, em 2006, que Joaquim iniciou o seu percurso profissional na Protecna-Consultores de Engenharia. Nesse gabinete foi-lhe possível ter um “contacto inicial, devidamente acompanhado, com a área de projetos” que, garante, “foi decisivo para solidificar muitos conhecimentos académicos”.

Um ano depois, surge uma nova etapa na vida profissional de Joaquim: começou a exercer a sua profissão, na vertente de obra, na Casais Engenharia. Durante esse tempo, teve a oportunidade de trabalhar em diversos projetos de habitação, unidades hoteleiras e unidades hospitalares.

Por consequência dos tempos difíceis vividos em Portugal, mas também pela “necessidade da diversificação de experiências”, foi em 2011 que o engenheiro rumou, sem hesitar, até África, para trabalhar no grupo Casais Angola. Joaquim encarou esta nova etapa como uma oportunidade de conhecer novas realidades na área da construção, acumular experiência e adquirir novas competências, tendo estado envolvido em vários projetos de renome, como é o caso da construção das Luanda Towers.

Sempre com grande entusiasmo, o “orgulhoso alentejano” acredita que o curso de Engenharia Civil foi a “rampa de lançamento”, “um elemento imprescindível” na sua realização profissional. De momento, Joaquim é gestor de obras, ou seja, é responsável por aprovisionar e controlar os diversos recursos necessários à execução do projeto, garantindo prazos, custos e qualidade técnica da obra.

Crente de que uma licenciatura continua a ser o caminho certo, “não pelo diploma, mas pelo conhecimento ganho ao longo dessa formação”, Joaquim Vermelhudo acredita que ser engenheiro civil é “uma profissão com futuro”.

Persistente e com uma grande vontade de aprender, este engenheiro, radicado em Angola, já tem planos para o futuro. Ainda este ano, pretende “sentar-se novamente nos bancos universitários” e alargar as suas competências na área da gestão, numa universidade britânica, mas quem sabe, um dia, não volte à UAlg para completar, ainda mais, a sua formação.

Engenharia Mecânica

APOSTAR NAS RENOVÁVEIS



Tinha vários amigos que eram estudantes de Engenharia Mecânica na Universidade do Algarve, e, curioso, foi perguntando como era o curso e o que lá se estudava. Achou interessante e resolveu concorrer. Hoje, **VALDEMAR NETO** é proprietário de uma empresa distribuidora de soluções de climatização e produção energética e confessa que não se imagina “a fazer outro trabalho que o realizasse tanto”.

Nascido e criado em Serpa, distrito de Beja, o agora engenheiro sempre trabalhou. Dos 13 aos 18 anos trabalhou num café, aos fins de semana e nas férias, e quando ingressou no ensino superior tornou-se vendedor numa empresa dedicada a produtos alimentares.

Ainda não tinha terminado a licenciatura quando começou a trabalhar na empresa de climatização e energias renováveis, Vajra, onde exerceu funções de Diretor Comercial durante 14 anos. Com a crise financeira que assolou toda a Europa, a empresa encerrou, deixando-o desempregado. Mas sendo trabalhador, dedicado, humilde, motivado e persistente, o engenheiro acabou por arranjar uma solução e criou, juntamente com um amigo e colega de curso, a Be Sun, Lda- Solar and Heating Systems. Localizada em Loulé, dedica-se ao setor da distribuição de soluções de climatização e produção energética e centra a sua atividade na comercialização exclusiva de equipamentos. Neste momento, Valdemar Neto assume a gestão da empresa e desempenha o acompanhamento comercial e técnico.

A Be Sun representa marcas líderes de mercado e baseia a sua filosofia empresarial numa forte componente de apoio técnico ao cliente. Atua a nível nacional e quando precisam de recrutar novos profissionais “a primeira opção é sempre a Universidade do Algarve”, garante Valdemar Neto.

Do curso recorda os bons amigos, o convívio e a boa relação com os professores e acredita que foi a licenciatura em Engenharia Mecânica que o lançou para a vida profissional, afirmando que “o resto vamos aprendendo com a experiência”. Utilizando o tão célebre provérbio “O Saber não ocupa lugar”, Valdemar mostra a sua posição segura de que um curso superior é sempre uma mais-valia para qualquer profissional.

OFERTA FORMATIVA 2015/2016

TESP – CURSOS TÉCNICOS SUPERIORES PROFISSIONAIS

(cursos submetidos à DGES a aguardar aprovação)

- Apoio à pessoa idosa
- Contabilidade
- Energias Renováveis
- Gestão de Animação Turística
- Inovação e Qualidade Alimentar
- Instalações Elétricas, Domótica e Automação
- Manutenção e Reabilitação de Edifícios e Infraestruturas
- Refrigeração e Climatização
- Secretariado Executivo e Tecnológico
- Segurança e Higiene Alimentar
- Sistema de Informação Geográfica
- Sistemas e Tecnologias de Informação
- Tecnologia e Manutenção Automóvel
- Tecnologias de Informação Urbanística e Arquitetónica
- Telecomunicações e Redes

LICENCIATURAS

- Agronomia (pós-laboral)
- Arquitetura Paisagista
- Artes Visuais
- Biologia
- Biologia Marinha
- Bioquímica
- Biotecnologia
- Ciências Biomédicas
- Ciências Biomédicas Laboratoriais
- Ciências da Comunicação
- Ciências da Educação e da Formação
- Dietética e Nutrição
- Design de Comunicação
- Desporto
- Economia
- Educação Básica
- Educação Social (diurno e pós-laboral)
- Enfermagem
- Engenharia Civil
- Engenharia Elétrica e Eletrónica
- Engenharia Informática
- Engenharia Mecânica
- Farmácia
- Gestão – Faro e Portimão (diurno e noturno)
- Gestão de Empresas
- Gestão Hoteleira
- Imagem Animada
- Imagem Médica e Radioterapia
- Línguas e Comunicação
- Línguas, Literaturas e Culturas
- Marketing
- Ortoprotesia
- Património Cultural e Arqueologia
- Psicologia
- Sociologia
- Tecnologia e Segurança Alimentar
- Turismo – Faro e Portimão

PÓS-GRADUAÇÕES

- Alimentação na Atividade Física e no Desporto
- Artes Visuais e Performativas
- Avaliação e Gestão da Atividade Imobiliária
- Avanços Científicos em Ciclo Urbano da Água
- Cidades Sustentáveis
- Ciências Documentais
- Cuidados de Saúde na Infância
- Culturas do Mediterrâneo: Dieta Mediterrânica
- Curso de complemento de formação para a docência no grupo de recrutamento 120 destinado a titulares de qualificação profissional para a docência no grupo de recrutamento 110
- Curso de complemento de formação para a docência no grupo de recrutamento 120 destinado a titulares de qualificação profissional para a docência no grupo de recrutamento 220
- Curso de complemento de formação para a docência no grupo de recrutamento 120 destinado a titulares de qualificação profissional para a docência no grupo de recrutamento 330
- Física para o Ensino
- Geomática – Ramo CIG
- Gestão de Informação
- Intervenção Multidisciplinar nas Perturbações da Linguagem: Detetar para atuar
- Novas Tecnologias Aplicadas ao Ciclo Urbano da Águas
- Operações e Gestão de SPA
- Proteção Costeira e Fluvial – Infraestruturas
- Reabilitação – Edifícios e Áreas Urbanas
- Saúde Pública
- Técnicas Avançadas em Radiologia – Tomografia Computorizada

MESTRADOS INTEGRADOS

- Ciências Farmacêuticas
- Engenharia do Ambiente (2.º ciclo)
- Engenharia Eletrónica e Telecomunicações (2.º ciclo)
- Medicina

MESTRADOS

- Aquacultura e Pescas
- Arqueologia
- Arquitetura Paisagista
- Biologia Marinha
- Biologia Molecular e Microbiana
- Ciclo Urbano da Água
- Ciências Biomédicas
- Ciências da Educação e da Formação
- Ciências da Linguagem
- Comunicação, Cultura e Artes
- Contabilidade
- Design de Comunicação para o Turismo e Cultura
- Direção e Gestão Hoteleira
- Economia da Inovação e Empreendedorismo
- Educação Especial: Domínios Cognitivo e Motor
- Educação Social
- Energia e Climatização de Edifícios
- Engenharia Civil (em parceria com o Instituto Politécnico de Setúbal)
- Engenharia Elétrica e Eletrónica
- Engenharia Informática
- Ensino de Línguas no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
- Finanças Empresariais
- Fiscalidade
- Geomática
- Gerontologia Social
- Gestão da Qualidade e Marketing Agroalimentar (em parceria com a Universidade de Évora)
- Gestão de Unidades de Saúde
- Gestão de Recursos Humanos
- Gestão e Administração Escolar
- Gestão e Avaliação de Tecnologias em Saúde (em parceria com o Instituto Politécnico de Lisboa)
- Gestão Empresarial

MESTRADOS (continuação)

- Gestão Sustentável dos Espaços Rurais (em parceria com o Instituto Politécnico de Beja, ensino à distância)
- História do Mediterrâneo Islâmico e Medieval
- História e Patrimónios
- Hortofruticultura
- Línguas Aplicadas às Ciências Empresariais
- Marine Biodiversity and Conservation* (consórcio internacional)
- Neurociências Cognitivas e Neuropsicologia
- Oncobiologia
- Psicologia Clínica e da Saúde
- Psicologia da Educação
- Sistemas Marinhos e Costeiros
- Sociologia, Mobilidades e Identidades
- Tecnologia de Alimentos
- Tourism Economics and Regional Development*
- Tourism Organizations Management *

*Cursos lecionados em inglês

MESTRADOS ERASMUS MUNDUS

(Cursos lecionados em inglês)

- Chemical Innovation and Regulation
- Emergency and Critical Care Nursing
- Quality in Analytical Laboratories
- Water and Coastal Management

DOUTORAMENTOS

- Arqueologia
- Ciências Biológicas
- Ciências Biomédicas
- Ciências Biotecnológicas
- Ciências Económicas e Empresariais
- Ciências da Linguagem
- Ciências do Mar e do Ambiente
- Ciências do Mar, da Terra e do Ambiente
- Comunicação, Cultura e Artes
- Engenharia Eletrónica e Telecomunicações
- Engenharia Informática
- Gestão da Inovação e do Território
- Literatura
- Matemática
- Métodos Quantitativos Aplicados à Economia e à Gestão
- Mecanismos da Doença e Medicina Regenerativa
- Psicologia
- Química
- Turismo

DOUTORAMENTOS ERASMUS MUNDUS

(Cursos lecionados em inglês)

- Marine Ecosystem Health and Conservation
- Marine and Coastal Management



ENSINOU-ME
A INTERPRETAR
O **MUNDO** DE UMA
FORMA QUE GOSTO

DESCOBRIR-TE. **ESTUDA**

NOISERV
ENGENHARIA ELECTROTÉCNICA E DE COMPUTADORES



É A OPORTUNIDADE
DE VER E **SENTIR**
OUTRAS COISAS

DESCOBRIR-TE. **ESTUDA**

RITA REDSHOES
PSICOLOGIA CLÍNICA



É UMA
EXPERIÊNCIA DE
VIDA, ULTRAPASSA
A PARTE
PROFISSIONAL

DESCOBRIR-TE. **ESTUDA**

MIGUEL ÂNGELO
ARQUITETURA



O QUE EU ESTUDEI
É O QUE EU **SOU!**

DESCOBRIR-TE. **ESTUDA**

JOANA CRUZ
COMUNICAÇÃO SOCIAL